

O ESPORTE NA IDADE DO BRONZE, NO CONCEITO DE *AGÓN* E NA *ILÍADA*

André Alcântara Augusto Pereira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira

Rio de Janeiro

Julho de 2015

O ESPORTE NA IDADE DO BRONZE, NO CONCEITO DE *AGÓN* E NA *ILÍADA*

André Alcântara Augusto Pereira

Orientador: Professor Doutor Ricardo de Souza Nogueira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Rio de Janeiro, 01/07/2015

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Ricardo de Souza Nogueira – PPGLC-UFRJ

Professor Doutor Marcos José de Araújo Caldas – UFRRJ

Professora Doutora Tania Martins Santos – PPGLC-UFRJ

Professor Doutor Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (suplente) – UFF

Professor Doutor Auto Lyra Teixeira (suplente) – PPGLC-UFRJ

Rio de Janeiro

Julho de 2015

PEREIRA, André Alcântara Augusto.

O esporte na Idade do Bronze, no conceito de *agón* e na *Iliada* / André Alcântara Augusto Pereira. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

68 f; 31cm.

Orientador: Ricardo de Souza Nogueira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2015

Referências Bibliográficas: f. 63

1. Esporte; 2. *Iliada*; 3. Idade do Bronze; 4. Conceito de *agón*; 5. Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo. I. Nogueira, Ricardo de Souza. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas. III. Título.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

**Ao Professor Doutor Ricardo de Souza Nogueira,
pela criteriosa orientação.**

**Aos demais docentes que gentilmente aceitaram o
convite para compor a banca examinadora de defesa dessa dissertação.**

AGRADEÇO.

O ESPORTE NA IDADE DO BRONZE, NO CONCEITO DE *AGÓN* E NA *ILÍADA*

André Alcântara Augusto Pereira

Orientador: Professor Doutor Ricardo de Souza Nogueira

Resumo de Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

A presente dissertação analisou a gênese do esporte na Civilização Grega a partir de um enfoque desenvolvido em três vertentes de sua institucionalização: 1) a histórica, no período da Idade do Bronze; 2) a conceitual, com o estudo do termo *agón* em diversos contextos do mundo helênico; 3) a literária, proveniente da tradução e análise de excertos dos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo, no canto XXIII de *Iliada*. Em que pese certa indeterminação encontrada na interpretação dos vestígios materiais e dos registros escritos, bem como nas limitações inerentes na análise de uma obra de ficção, é possível afirmar a existência de um processo de institucionalização do esporte em curso desde os primórdios do mundo grego.

Palavras-chave: Esporte na Idade do Bronze; *Agón*; *Iliada*.

Rio de Janeiro

Julho de 2015

O ESPORTE NA IDADE DO BRONZE, NO CONCEITO DE AGON E NA *ILÍADA*

André Alcântara Augusto Pereira

Orientador: Professor Doutor Ricardo de Souza Nogueira

Abstract da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

This paper analyses the genesis of the sport in the Greek Civilization focusing in its institutionalization from three angles: a) a historical, in the Bronze Age; b) a study from the word *agón* in the various contexts of the hellenic world; c) a literary, with translations and analyses of the excerpts from the Funeral Games in the book XXIII of the *Iliad*. Although inconclusive results were found in the interpretation of the material remains and writings as well as the inherent limitations in a fictional work, it is possible to declare the existence of a sport institutionalization process current since the dawn of the Greek world.

Keywords: Bronze Age Sport; *Agón*; *Iliad*.

Rio de Janeiro

Julho de 2015

*“Wenn man auch nur gelebt hätte, um den dreiundzwanzigsten Gesang der Ilias zu lesen,
so könnte man sich nicht über sein Dasein beschweren.”*

*“Quem tivesse vivido apenas para ler o vigésimo terceiro canto da Ilíada, não poderia se
queixar a respeito de sua existência.”*

Schillers Leben, p. 335, Caroline von Wolzogen.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DOS CONTESTES ATLÉTICOS NA IDADE DO BRONZE	13
2.1. OS MINÓICOS	14
2.2. OS MICÊNICOS	16
2.3. OS HITITAS	19
3. O AGÓN	23
3.1. O AGÓN EM ALGUNS ÂMBITOS DA CULTURA GREGA	23
3.2. O AGÓN EM <i>ILÍADA</i>	25
4. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CONTESTES ATLÉTICOS NO CANTO XXIII DA <i>ILÍADA</i>	39
4.1. A PREMIAÇÃO	40
4.2. A ARBITRAGEM	50
4.3. O TREINADOR	54
5. CONCLUSÃO	60
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

A escolha do objeto de pesquisa da presente dissertação de mestrado, a saber, a gênese do esporte na Civilização Grega, foi motivada pelo desejo do autor em conciliar seu interesse pela História da Educação Física com as origens do atletismo e com a magnificência de *Iliada*.

O estudo empreendido tem como objetivo examinar o surgimento da institucionalização do esporte na Grécia Antiga em três vertentes, a saber, 1) a histórica, no período da Idade do Bronze, 2) a conceitual, com o estudo do termo *agón* em diversos contextos do mundo helênico, e 3) a literária, no caso, os Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo no canto XXIII da *Iliada*.

Entende-se aqui por institucionalização do esporte o momento em que há um dado de reconhecimento acerca daquilo que poderia ser chamado de um evento social formado por determinadas características e códigos que, ao se apresentarem em conjunto, o diferenciam de outras atividades físicas que já existiam e diziam respeito ao entretenimento ou ao âmbito ritual. Esse reconhecimento deve ser pensado pelo ponto de vista de dois tipos de receptores na presente investigação: o da antiguidade, o que é uma recriação hipotética de um homem de um passado distante, e o da atualidade, o que traz um problema gerado pelo anacronismo que distancia o homem atual desse mesmo passado. Nesse sentido, o que permeia esse achado de reconhecimento na pesquisa apresentada é estritamente a noção de disputa inserida em um determinado espaço e envolta por certas regras de conduta por parte dos competidores e por regulamentos estabelecidos, que são garantidos pela existência de um espaço necessário à ocorrência desse mesmo evento. Um dado importante dessa institucionalização é, por exemplo, a premiação, que nada mais é do que a valorização de uma performance. Tais elementos constroem a percepção de que o evento desenvolvido diante dos olhos de um receptor é, em muitos sentidos, um germe daquilo que é imprescindível no esporte moderno.

O pesquisador da gênese dos contestes atléticos na Hélade antiga tende a fundamentar o seu estudo na interpretação iconográfica das civilizações minóica e micênica e nos jogos descritos nos Poemas Homéricos. Interpretações muitas vezes errôneas dos vestígios materiais muitas vezes não lançam luz à história da gênese do esporte. Do mesmo

modo, o erro de não se levar em conta o longo espaço de tempo entre a época evocada nos poemas e a sua posterior composição tende a produzir uma visão imprecisa senão anacrônica do tema estudado. Aliás, entre os especialistas mais atuais em Homero, há a concordância em até mesmo não se considerar a *Iliada* e a *Odisseia* como obras contemporâneas¹, mas, do ponto de vista literário, é evidente que ambas as obras retratam uma mesma época. Atentando para tais problemas, o presente trabalho se desenvolve em três capítulos diferenciados quanto suas análises que tentam esclarecer as características que evidenciam a institucionalização do esporte na Idade do Bronze, no conceito de ἀγών e na *Iliada*.

Justifica-se a utilização da *Iliada* como *corpus* na presente pesquisa, mais precisamente da longa passagem do canto XXIII, entre os versos 258 e 897, pelo fato de esse poema ser mais antigo do que a *Odisseia*, o que o legitima para a especificação da origem do esporte no âmbito da construção literária que se desenvolveu na Grécia Antiga. Cabe ressaltar o contexto marcial no qual os contestes se desenvolvem na *Iliada*², uma vez que eles representam de forma mimética os embates que acontecem durante uma guerra, e isso é de suma importância no estabelecimento da origem dos jogos, pelo fato de a representação da guerra, metamorfoseada em contestes atléticos, ser uma característica intrínseca de povos indo-europeus.

No primeiro capítulo da dissertação, será feita a revisão da literatura pertinente aos contestes atléticos na Idade do Bronze, seja pela interpretação dos vestígios materiais das civilizações minóica e micênica, seja pelo estudo dos registros escritos hititas, povo indo-europeu contemporâneo dos micênicos, com vistas a se estabelecer uma análise lógica acerca do momento em que o esporte surge, em detrimento de outras representações sociais ligadas ao ritual e ao entretenimento.

No segundo capítulo da pesquisa, será feito um estudo do vocábulo ἀγών nas suas diversas ocorrências em *Iliada*, com o intuito de levantar dados conceituais que expressem o germe de uma oposição apenas esboçada nessa obra, uma vez que o sentido mais comum

¹ Romilly (2001, p. 24) menciona, sem detalhar uma contagem de tempo específica, o longo tempo que separa uma obra da outra, sendo a *Iliada* de autoria de um autor mais antigo, e a *Odisseia* de um autor bem posterior, provavelmente da escola de Homero. Seguindo a mesma linha de pensamento, West (2011, p. 8) sugere que passagens paralelas e versos repetidos nos dois poemas implicam em um contexto primário na *Iliada* e derivativo na *Odisseia*.

² A *Odisseia* apresenta os jogos apenas em um momento em que é necessário louvar o hóspede, no caso Odisseu, que se encontrava na corte do rei Alcínoo, entre os Feácios. *Odisseia*, VIII.

de ἄγων na *Iliada* é reunião, como será largamente exposto e comentado no referido capítulo.

No terceiro e último capítulo, procurar-se-á, com base em uma investigação dos contestes realizados nos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo, os vestígios de sentido e de vocabulário que constroem o espaço atlético necessário aos contestes, com todas as suas características intrínsecas, tais como a presença de uma premiação, de um árbitro e de um treinador, ou seja, a ocorrência de características determinantes observadas no esporte moderno. Deve-se informar que a tradução dos excertos relevantes do Canto XXIII de *Iliada* foi feita pelo autor dessa dissertação, com base na edição crítica estabelecida por Paul Mazon.

2. REVISÃO DOS CONTESTES ATLÉTICOS NA IDADE DO BRONZE.

É muito difícil apontar a gênese do esporte no território que ficou conhecido como a Grécia Antiga. Isso pode ter acontecido já entre os minóicos, ou apenas, de fato, entre os micênicos, muitas vezes considerados os primeiros gregos em solo helênico, mas levantar dados históricos sobre um tempo tão remoto como a Idade do Bronze é uma tarefa árdua e muitas vezes impossível, e, por isso, ressalta-se que os dados apresentados nesse capítulo são, em sua maioria, hipotéticos numa tentativa de buscar estabelecer o surgimento de uma noção de disputa nos moldes de um esporte. Em primeiro lugar, para o bom êxito dessa investigação na medida do possível, é necessária uma boa definição do que vem a ser o esporte.

Kyle define o termo *esporte* como *atividade física, pública, especialmente aquelas com elementos competitivos, visando à vitória e uma demonstração de excelência*.³ Tal conceituação é de importância fundamental, pois o pesquisador dos contestes atléticos na Idade do Bronze, no Egeu e na Anatólia, muitas vezes se depara, sobretudo na investigação de vestígios materiais, com situações que não se enquadram claramente na referida definição. Faz-se necessário, então, uma apreciação da civilização na qual o elemento de estudo é observado.

Tradicionalmente os estudos referentes à gênese do esporte na Grécia Antiga se iniciam a partir das investigações das evidências materiais das civilizações minóica e micênica e, mais recentemente, dos registros escritos hititas. Contudo, considerando-se o caráter de continuidade e sobrevivência da tradição micênica observado nos Poemas Homéricos, é justo inferir que, respeitando-se as limitações inerentes a uma obra literária, o texto pode contribuir com informações essenciais que podem ajudar a elucidar o que não é evidente nas interpretações iconográficas minóicas e micênicas e no estudo das fontes históricas hititas.

³ KYLE, Donald (2007, p. 10).

2.1. OS MINÓICOS

O arqueólogo inglês Arthur Evans criou o termo *minóico*, a partir do lendário rei Minos, para designar a civilização que floresceu em Creta e demais ilhas do mar Egeu entre 3100 – 3000 a.C. e 1075 -1050 a.C. Nesse tempo de desenvolvimento da civilização, destaca-se o período designado como *Minoano Tardio* (1700 – 1675 a 1075 – 1050), pois, em torno de 1450 a.C., essa civilização foi conquistada pelos guerreiros micênicos, auxiliados talvez por uma tragédia natural, que foi a erupção do vulcão de Santorini, e detentores de armas mais poderosas.

O período Minoano Tardio é caracterizado pela presença de uma sociedade próspera e aparentemente pacífica.⁴ Palácios centralizavam a vida econômica e as práticas religiosas. Entre esses, destacam-se os de Cnossos e Faístos. Os minóicos fizeram uso de uma escrita hieroglífica que evoluiu para o silabário Linear A. O fato de ambas as escritas não terem ainda sido decifradas implica que a compreensão dessa civilização repousa principalmente nas interpretações dos seus vestígios materiais.

No que diz respeito ao propósito da presente dissertação, faz-se necessário apresentar a análise dos principais vestígios materiais referentes às atividades físicas realizadas pelos minóicos.

Um desses vestígios materiais mais representativos é um *rhyton*, um vaso de forma cônica proveniente do sítio arqueológico de Hágia Tríada, Creta, e datado de cerca de 1550 a.C., portanto anterior a dominação micênica. Nesse artefato, são observadas representações melhor caracterizadas como cenas de violência e que parecem sugerir contestes atléticos. O vaso foi cuidadosamente restaurado a partir de fragmentos muito danificados e apresenta quatro frisos. O friso superior, infelizmente não muito explícito, apresenta dois homens no que poderia sugerir uma espécie de luta de boxe. Tais indivíduos estão separados, por uma coluna, de três outros homens que parecem também estar em uma

⁴ O suposto pacifismo dos minóicos é uma das características marcantes dessa civilização, Arthur Evans a considerava sendo pacífica e igualitária e fundamentava essa assertiva na constatação da ausência de muralhas nos palácios minóicos e de cenas de batalhas nas pinturas murais na técnica do afresco. Nessa linha de pensamento a arqueóloga Marija Gimbutas considerava a Creta minóica como uma sociedade igualitária no que diz respeito aos gêneros. Contudo, um estudo mais recente de autoria de Barry Molloy (2012, p. 87 – 142) apresenta uma tese totalmente oposta ao que era até então considerado, uma vez que o autor afirma que a guerra era uma parte determinante dessa civilização. A determinação do *ethos* dominante da civilização minóica, pacífico ou guerreiro, é de importância fundamental para uma melhor compreensão do contexto no qual suas atividades físicas eram desenvolvidas.

espécie de cena de pugilato. O segundo friso apresenta dois touros e uma pessoa saltando sobre o segundo. Tal pessoa parece estar sendo chifrada no momento do salto, mas é provável que o artista quisesse apresentar um salto bem sucedido e não um acidente.⁵ No terceiro friso, dois pares de homens, portando elmos, parecem também sugerir uma cena de pugilato, em que dois homens estão de pé e os outros dois jazem caídos no chão, como que nocauteados. O último friso apresenta rapazes, sem elmos, mas portando algo que envolve os punhos. Dois deles, estão de pé, em uma ação defensiva, mesmo que suas mãos direitas pareçam segurar pequenas adagas. Outro rapaz jaz no chão, de costas, e um quarto, de pernas para o ar, parece ter sido atingido por um golpe de luta. Esse último friso apresenta leituras distintas. Há quem o considere um conteste combinado de luta e pugilismo⁶ e há quem presuma serem soldados e a cena em nada relacionada com contestes atléticos.⁷ Se as cenas forem lidas em sequência, elas podem sugerir eventos relacionados a um festival, e a presença de colunas, tipicamente minóicas, no primeiro e no terceiro friso, o situaria em um contexto palacial.

Outra cena que é uma espécie de pugilismo é retratada em uma conhecida pintura mural na técnica do afresco, conhecida como “Os Boxeadores”. Ela foi encontrada no sítio arqueológico de Akrotiri, ilha de Thera (Santorini), e é datada de cerca de 1625 a.C. Nessa pintura, dois jovens rapazes, calçando luvas apenas na mão direita, parecem lutar um combate pacífico.

Essas poucas representações de pugilismo e luta situam-se entre os inúmeros achados arqueológicos que apresentam o que se convencionou a chamar *o salto sobre o touro*. As técnicas e o contexto no qual essa atividade física se desenvolvia são motivo de intenso debate. Uma autoridade no assunto, em um artigo de revisão⁸, supõe que as representações minóicas relacionadas com o touro, isto é, jovens capturando um touro selvagem e, em seguida, lutando e saltando sobre ele, sugerem apresentações de agilidade, habilidade e coragem de jovens da classe aristocrática realizando um rito de passagem para

⁵ KYLE, Donald (2007 p. 40).

⁶ YALOURIS, Nicolaos (2004 p. 15).

⁷ MILLER, S. G. in KYLE, Donald (2007 p. 40).

⁸ YOUNGER, J. G. *Bronze Age Representations of Aegean Bull-Games, III*, in Laffineur, R. e Niemeier, W.-D. (Eds). *POLITEIA: Society and State in the Aegean Bronze Age: Proceedings of the 5th International Aegean Conference, Archäologisches Institut, University of Heidelberg, 10 – 13 April 1994*, pp. 507 -545, v. II. Liège, 1995. [revisão de: YOUNGER, J. G. *Bronze Age Representations of Aegean Bull-leaping*. *American Journal of Archaeology* 80, pp. 125-37, 1976].

a vida adulta no contexto de um festival religioso do início da primavera. Contudo, em virtude das diversas considerações de outros autores a respeito do tema, não é possível determinar com certeza que a atividade em pauta fosse um ritual religioso, um entretenimento, uma competição, um esporte violento, o estágio de uma caçada, um rito iniciatório, um ritual político de poder, uma versão estilizada de um sacrifício humano ou mesmo uma alegoria para uma constelação de um calendário astrológico. Do mesmo modo, não é possível afirmar que os seus participantes fossem rapazes e moças da elite, acrobatas profissionais da corte ou escravos suportando uma perigosa provação. Portanto, não é possível afirmar, com segurança, a existência de regras e competição, o que a caracterizariam essa atividade física como esporte.

Esse grande leque de possibilidades das interpretações dos vestígios materiais minúsculo e a decorrente incerteza a respeito de aspectos fundamentais dessa civilização tornam de difícil entendimento o propósito de suas atividades físicas. Faz-se necessário aceitar essa presente indeterminação sob pena de, ao escolher determinado ponto de vista de um autor, excluir uma visão mais acurada proveniente de outro.

2.2 OS MICÊNICOS

Os micênicos eram um povo guerreiro de origem indo-europeia cuja civilização desenvolveu-se, atingiu seu auge e entrou em colapso durante a Idade do Bronze Tardia (1700 – 1600 a.C. a 1200 - 1100 a.C.). Por volta de 1450 a.C., os micênicos haviam estendido sua influência sobre Creta e demais ilhas do mar Egeu.⁹

⁹ Em *Ilíada* 2.107-8, há menção de Agamemnon reinando em muitas ilhas e em toda Argólida:

αὐτὰρ ὁ αὖτε Θυέστ' Ἀγαμέμνονι λεῖπε φορῆναι,
πολλῆσιν νήσοισι καὶ Ἄργεϊ παντὶ ἀνάσσειν.
(...) *em seguida, então, Tiestes o (o cetro) legou a Agamêmnon para que o levasse,*
para reinar em todas as ilhas e em toda Argos.

Contudo, não há comprovação de um estado micênico unificado, mas sim, centros autônomos (Micenas, Tebas, Pilos entre outros), que compartilhavam a mesma cultura.

Entre os povos que os micênicos entraram em contato destacam-se os minóicos. A escrita foi uma grande apropriação cultural realizada durante o contato entre essas duas civilizações, pois, a partir do silabário minóico Linear A (ainda não decifrado), os então ágrafos micênicos desenvolveram o Linear B, uma escrita que representava o seu dialeto. Essa escrita era utilizada unicamente para fins administrativos da economia palacial, não havendo nenhum registro de uma crônica oficial ou mesmo de uma obra literária. Por conseguinte, as suposições a respeito das atividades físicas por eles exercidas residem na interpretação de seus vestígios materiais.

Faz-se então necessário considerar uma possível apropriação, por parte dos micênicos, do salto sobre o touro, uma atividade física considerada como tipicamente minóica. A escassa presença de imagens dessa atividade física na iconografia micênica¹⁰ não permite determinar um comprometimento com essa prática, podendo ser ela simplesmente uma imagem religiosa emprestada de uma cultura mais antiga e admirada. Além disso, o suposto componente, mais acrobático do que competitivo, dessa atividade física se opõe à suposta preferência dos guerreiros micênicos por modalidades esportivas que primassem pela agressividade e rivalidade. Referendando essa suposição, está o manifesto entusiasmo micênico com caçadas, uma metáfora do combate guerreiro e, por conseguinte, uma prova de masculinidade.¹¹ Por último, cabe ainda ressaltar que não há menção do salto sobre o touro nos contestes atléticos descritos nos Poemas Homéricos.

Em uma sociedade militarista como era a micênica, em que esporte e guerra estavam intrinsecamente unidos, exercícios físicos eram, em tempo de paz, uma ocupação

¹⁰ Um fragmento encontrado em Pilos; uma pintura mural na técnica do afresco na Casa Depósito Rampa em Micenas; outra pintura em uma tumba (nº. 22) de um cemitério micênico em Tanagra, Beócia; impressões de selos, tipo J proveniente de Tebas e proveniente de um anel (Corpus der minoischen und mykenischen Siegel I, 305).

¹¹ Representações iconográficas de lanças, arcos e flechas foram encontradas em um contexto de caçadas ou batalhas, não permitindo, assim, afirmar com certeza a existência de contestes atléticos do lançamento do dardo e do tiro com o arco.

adequada aos guerreiros.¹² De acordo com esse ponto de vista é justo inferir que os contestes atléticos mais valorizados pelos micênicos seriam aqueles que mais se assemelhassem ao combate real.

O Pugilismo parece ter sido muito apreciado pelos micênicos, bem como a corrida a pé, essa talvez seja a maior contribuição dos micênicos à história do atletismo. Cenas dessas duas modalidades esportivas estão presentes nas pinturas de vasos dos séculos XIII – XII a.C. encontrados na ilha de Chipre. Contudo, é na corrida de carros de guerra que o caráter marcial dessa civilização é mais bem observado.

O carro de guerra era de importância fundamental nas batalhas da Idade do Bronze. Embora nenhum exemplar tenha sido preservado, sua presença e valorização na civilização micênica é amplamente atestada na pintura mural na técnica do afresco, na joalheria, na cerâmica e nos tabletas inscritos em Linear B¹³. O uso desse artefato bélico, em possíveis contestes atléticos, está quase sempre relacionado a um contexto funerário.

A evidência material mais significativa da realização de um conteste atlético em um contexto funerário provém de uma *larnax*, urna funerária, de forma retangular e feita de argila, datada da segunda metade do século XIII a.C. e encontrada em um cemitério micênico em Tanagra, Beócia. Pinturas na técnica do afresco nos dois lados da referida urna sugerem que jogos atléticos faziam parte de um elaborado ritual funerário. Em um lado, na parte superior, figuras femininas demonstram pesar em uma forma estilizada de prantear o morto, enquanto, na parte inferior, duas figuras masculinas sugerem um duelo com espadas, e dois carros de guerra puxados por cavalos, um oposto ao outro, confrontam

¹² Em *Iliada* 2.773-5, quando Aquiles se retira da luta, seus homens se ocupam atirando disco e dardos entre si e praticando com arco e flechas:

λαοὶ δὲ παρὰ ῥηγμῖνι θαλάσσης
 δίσκοισιν τέροντο καὶ αἰγανήσιν ἰέντες
 τόξοισίν θ' (...)
 e os povos junto à rebentação do mar
 alegravam-se, discos e dardos,
 e ainda com arcos e flechas.

Pode-se concluir que eles estavam tanto dedicados a um tipo de exercício próprio de soldados quanto em uma atividade de lazer, o que fica bem evidenciado na utilização do verbo na voz média τέρπειν, *estar satisfeito, estar alegre, alegra-se com algo*.

¹³ No dialeto grego micênico, o carro de guerra é denominado *i-qi-ja*, uma forma derivada de *i-qi*, *cavalo* e atesta-se a palavra *a-mo-ta*, *roda*, que evoluiu para ἄρμα, *carro de guerra*, no dialeto épico, com o sentido de *carroça*, no dialeto ático.

os duelistas que estão na parte central da cena. No lado oposto da urna, na parte superior, uma figura masculina, segurando uma lança voltada para o pescoço de uma cabra, sugere um sacrifício, e, na parte inferior, três homens saltam sobre touros apoiando nos chifres, apresentando um motivo pictórico inusitado em uma larnax. Contudo, uma outra interpretação das cenas relatadas sugere que elas indicariam um rito de passagem de um jovem para a vida adulta, e não jogos fúnebres reservados a uma figura ilustre, que não seria o caso dado o caráter modesto da urna em questão; nessa interpretação das imagens, as cenas do duelo e do sacrifício da cabra seriam um conteste de pugilismo e uma caçada, respectivamente.¹⁴

A suposição de que os contestes atléticos micênicos estivessem associados a um contexto ritual fúnebre se baseia na interpretação das evidências materiais sinalizando que os jogos, além de apaziguar o espírito e honrar por meio de proezas físicas a memória do morto, serviriam também como uma oportunidade de redistribuir prestígio, bens e reformular a hierarquia social de acordo com o desempenho individual de seus participantes e possibilitando, de modo eficaz, administrar tensões sociais de uma civilização guerreira em tempos de paz.

2.3 OS HITITAS

Os hititas eram um povo indo-europeu que se estabeleceu no planalto central da Anatólia, atual Turquia, em meados do segundo milênio antes da era cristã. Eles autodenominavam o território que ocupavam como *povo de Hatti* e sua língua como *nesita*. O presente nome empregado para designar tanto esse povo quanto a sua língua deve-se a associação feita pelos arqueólogos do século XIX com os hititas descritos na bíblia cristã. Cabe ressaltar que a civilização hitita era contemporânea da micênica e que ambas foram aniquiladas na mesma época, em um período de grande instabilidade que marcou o fim da Idade do Bronze no Mediterrâneo oriental.¹⁵

¹⁴ BENZI, Mario (1999, p. 216 - 233).

¹⁵ Por volta de 1200 a.C. muitas cidades do Mediterrâneo oriental foram destruídas na mesma época. DREWS, 1995, detalha em seu livro as varias teorias sugeridas que procuram identificar as causas de tal destruição: terremotos, catástrofes climáticas, invasões de um povo marítimo, entre outras.

No apogeu de sua civilização, o império hitita estendia-se da atual Síria até o litoral do mar Egeu. Tamanha extensão territorial tinha sua integridade política garantida tanto pelo domínio direto a partir de Hattusa, a capital do império, quanto pela hábil inclusão de estados vassallos sob sua soberania. Esses estados vassallos detinham certa autonomia, mas deviam obediência, inclusive em sua política externa, ao Grande Rei hitita. É digna de nota a relevância de alguns desses protetorados por serem locais de contato entre as civilizações hitita e micênica.¹⁶

O contato entre os hititas e os micênicos foi motivo de uma longa controvérsia iniciada em 1924, quando o erudito suíço Emil Forrer sugeriu que um reino estrangeiro, nomeado nos registros históricos hititas como *Ahhíyawa*, fosse de origem micênica e situado na atual Grécia. Entre as várias questões que foram suscitadas pela referida controvérsia destaca-se a suposição de que o vocábulo *aqueu* (uma das palavras empregadas em *Iliada* para designar os gregos) fosse proveniente do hitita *Ahhíyawa*.¹⁷ Do mesmo modo, foram feitas conexões entre nomes de lugares e indivíduos encontrados nos textos hititas que mencionavam *Ahhíyawa* com aqueles das lendas gregas a respeito da Guerra de Tróia.¹⁸ Atualmente há um forte consenso entre os hititologistas e micenólogos que *Ahhíyawa* seja a referência que os hititas faziam dos micênicos, um reino micênico em particular ou confederação de reinos micênicos.¹⁹

A existência de contato entre as civilizações micênica e hitita, mesmo que permeado por um estado vassallo hitita da costa oriental do mar Egeu, permite supor que possíveis trocas culturais tenham acontecido. Como ambos os povos compartilhavam de um indiscutível *ethos* guerreiro, é consideravelmente plausível supor uma influência nos contestes atléticos, dadas a intrínseca relação destes com a arte da guerra. Com efeito, seis das oito modalidades atléticas que seguem a cremação do corpo de Pátroclo no canto XXIII da *Iliada* têm similares hititas sendo que as duas modalidades ausentes, a corrida de carros

¹⁶ Notadamente destaca-se a menção em uma correspondência real hitita (denominada como *Carta de Tawagalawa*) de certa *Wilusa*, cidade ou estado vassallo na costa oriental do mar Egeu. Heinholt-Krahmer (2003, p. 146 – 168) sugere que a hitita *Wilusa* e a homérica *Ilios* seja a mesma cidade, sendo essa hipótese um dos grandes argumentos a favor da historicidade da Guerra de Tróia.

¹⁷ Ahhiyaw- > *Ahhiaw- > *Ahhyaw- > *Akhaiw- > *Akhaiw- > Ἀχαιί -. Finkelberg, M. *From Ahhiyawa to Αχαιί*. Glota 66, 127-34, 1988.

¹⁸ Essas conexões incluem, entre outras, identificar *Lazpa* com a ilha de Lesbos; *Taruisa* com a cidade de Tróia; *Attarissiya* e *Tawagalawa* com os lendários heróis gregos Atreu e Etéocles.

¹⁹ BECKMAN; BRYCE e CLINE (2011, p. 6).

de guerra²⁰ e os lançamentos do dardo, pertencem ao contexto militar da Idade do Bronze Tardia.

Contestes atléticos faziam parte dos festivais religiosos hititas, realizados com o intuito de obter graças ou agradecer a determinada divindade. São atestadas algumas façanhas físicas, tais como: um tipo de luta, levantamento de uma pesada pedra e algo como o lançamento de pedras. Contudo, esses eventos atléticos não tinham uma parte preponderante nas referidas celebrações, seguiam uma refeição ritual e precediam a procissão que acompanhava o ícone do deus de volta para o templo, usualmente ao final do dia²¹.

Segundo Jaan Puhvel²², *a mais antiga menção de um agón na literatura cuneiforme* provém de um texto hitita (KUB²³ X 18), segundo o qual, em um determinado festival religioso, os soldados da guarda real, na presença do rei, correm a pé e o vencedor ganha um título honorífico. Percebe-se que, sob a intenção de honrar uma divindade, há também uma oportunidade de os soldados demonstrarem suas qualidades físicas e, com isso, obter o reconhecimento e o favor real. É possível inferir que os contestes atléticos hititas, partir de sua origem como uma exibição de façanhas físicas que faziam parte de um festival religioso, tenham evoluído para modalidades esportivas com regras pré-estabelecidas e em uma ampla associação com a cultura militarista então dominante.

Prossegue o mesmo autor com a análise de outros textos, como em um em hitita antigo (KBo²⁴ III 34), datado de cerca de 1600 a.C. e que menciona um conteste de tiro com o arco, ocorrido também em presença do soberano. Nesse conteste, aquele que logra um melhor desempenho recebe vinho para beber, enquanto o que falha na tentativa de acertar o alvo recebe uma taça e a obrigação, estando nu, de trazer água. O autor não considera a tarefa do arqueiro inábil como uma punição legal, mas sim como uma situação jocosa, o que permite vislumbrar uma atmosfera lúdica permeando a competição.

²⁰ Embora a corrida de carros de guerra ainda não tenha sido constatada, esse artefato bélico é amplamente documentado na iconografia e nos registros escritos hititas.

²¹ CARTER, Charles. Athletic Contests in Hittite Religious Festivals. **Journal of Near Eastern Studies**, Chicago, v. 47, n. 3, p. 185 – 187, jul. 1988.

²² PUHVEL, J. *Hittite Athletics as Prefigurations of Ancient Greek Games*, in Raschke, W. J. (ed.). *The Archaeology of the Olympics*. Madison: The University of Wisconsin Press, pp. 26 – 31, 1988.

²³ Keilschrifturkunden aus Boghazköi, Berlim, em publicação desde 1921.

²⁴ Keilschrifttexte aus Boghazköi, Leipzig, Berlim, em publicação desde 1923.

Puhvel também relata o que mais se assemelharia a um conteste com lanças (KUB XVII 35 III 9 – 15), nesse relato, dois times de homens jovens se confrontam. Um time é chamado de *homens de Hatti* (hititas) e usam armas de bronze enquanto o outro time, os *homens de Masa* (Ásia Menor ocidental), portam armas feitas de junco. Por estar mais bem equipado, o time dos homens de Hatti sempre vence. A previsibilidade do resultado em virtude do uso de equipamento desigual não condiz com a imparcialidade na qual os atuais adversários esportivos competem, tendendo esse tipo de combate mais para uma encenação de um ritual do que para um conteste atlético²⁵.

Contudo, o relato mais detalhado de um evento hitita infelizmente se encontra em um texto fragmentado (Kbo XXIII 55 I, 2 – 27). Os contestes desenvolvem-se em um ambiente militar na presença icônica de uma divindade solar. Na primeira cena, um hitita ao vencer o seu oponente, que é descrito como sendo um inimigo, é aplaudido pela tropa. Na sequência animais selvagens (dois leopardos e dois ursos) são introduzidos na cena. Em seguida, touros e carneiros negros são mencionados em um contexto sacrificial. Segue-se uma luta, e o pugilato se apresenta como último conteste, após o que *eles* (os atletas vencedores dos contestes) *vão para tarpa*. *Quatro carneiros vão para tarpa*. *Depois touros vão para tarpa*²⁶. Puhvel sugere que *tarpa* seja tanto os prêmios, na forma de carneiros e touros, como a cerimônia de premiação, *tarpa tiyanzi*, sendo por isso considerada a parte prazerosa do evento, o que levou o autor a considerar uma relação etimológica com o grego τέρψις, *diversão, deleite*.

Certamente os micênicos se apropriaram de muitos aspectos da cultura minóica, mas como guerreiros que eram, se identificaram com as atividades físicas que mais se assemelhassem ao seu desempenho nos combates. De acordo com essa preferência viril, expressadas em caçadas e provavelmente em jogos fúnebres, eles teriam tido mais afinidade com os contestes atléticos dos hititas, povo que igualmente valorizava as proezas físicas nas guerras em que participavam.

²⁵ KYLE, Donald (2007 p. 46 – 7).

²⁶ RASCHKE, Wendy (1988 p. 30).

3. O AGÓN

O embate ou disputa que se dá em vários campos contextuais da Civilização Helênica possui um nome mais comumente utilizado: ἄγών. O termo foi usado amplamente na cultura grega, abarcando vários conceitos que são observados em toda a extensão de seu campo semântico. A complexidade de seu emprego necessita de um exame para que se possa compreender com mais rigor o seu sentido tanto em Homero quanto na totalidade dos atos que o homem grego fazia ao fazer uso de tal palavra. É por conta dessa complexidade que o presente capítulo possui dois tópicos. No primeiro, intenta-se, sucintamente, apresentar alguns conceitos de ἄγών em âmbitos dos mais diversos, no intuito de apreender e explanar seus vários significados, observando as relações e as diferenças entre eles. O segundo tópico volta-se mais especificamente para a utilização do termo ἄγών na *Iliada* de Homero, tentando-se igualmente compreender seus conceitos no contexto literário do poeta, havendo especial ênfase no estudo do canto XXIII, mais precisamente, da passagem relacionada aos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo, que é o principal *corpus* de estudo literário dessa dissertação.

3.1 – O AGÓN EM ALGUNS ÂMBITOS DA CULTURA GREGA

O vocábulo ἄγών é presenciado em diversos domínios culturais da Antiguidade Clássica. Nos primórdios do surgimento da literatura grega (século VIII, época da criação de *Iliada*), já existia uma das mais importantes representações culturais da Grécia Antiga, que é sem dúvida οὐλυμπικὸς ἄγών, os célebres jogos celebrados em Olímpia, em honra a Zeus, cuja primeira edição se deu em 776 a.C.

De importância cultural similar aos jogos atléticos, que se devolveram durante toda a Antiguidade Clássica, a tragédia e a comédia áticas apresentam um ἄγών relacionado ao conteúdo de cada gênero. Na tragédia, o ἄγών refere-se a um conflito, uma polêmica que se estabelece entre os personagens em meio aos episódios da peça, não se afigurando, assim, como uma parte estrutural do gênero trágico, mas como uma característica necessária ao conflito dramático no interior do contexto literário. Diferentemente da

tragédia, na comédia, o referido vocábulo designava a parte da peça teatral na qual se desenvolvia uma oposição de ideias, seja entre um ator e o coro, seja entre dois atores, dividindo-se o coro no apoio a cada um dos oponentes. Tanto na tragédia quanto na comédia há uma situação em que a disputa se dá em diálogos que se apóiam em argumentos.

O caráter de oposição, desafio ou disputa exemplificado por ἄγών também é observado em outros campos da cultura helênica dos séculos V e IV a.C., seja nos concursos de música e poesia seja nos tribunais em processos judiciais, como, por exemplo, no ἄγών τιμητός, a *oposição penal*, que é a pena mais branda que o acusado sugere a si mesmo no julgamento, em caso de condenação, em oposição à pena requerida pelo acusador.²⁷ É significativo que esse caráter argumentativo de ἄγών apareça no apogeu da democracia participativa ateniense, ou seja, no momento em que cada cidadão tinha o direito de expor suas ideias.

Em virtude do observado acima, pode-se ter a impressão errônea de que o vocábulo ἄγών tenha sempre o significado de contenda seja ela física ou argumentativa. Contudo, em época anterior como, por exemplo, em *Iliada*, a obra de literatura grega mais antiga que sobreviveu ao tempo, a palavra originariamente ainda não possuía o caráter semântico de oposição. Em face aos contextos específicos arrolados até aqui, é interessante apresentar a totalidade dos significados do termo ἄγών no dicionário grego-português de Malhadas, Dezotti e Neves, para que, posteriormente, veja-se os seus empregos na epopeia Homérica:

ἄγών, ὠνος (ὁ) 1 assembleia; reunião; conselho 2 jogo; competição; concurso 3 combate; luta 4 debate 5 litígio 6 interesse que leva à luta; luta espiritual ou mental 7 luta mortal; esforço penoso 8 lugar de reunião ou de jogos; campo; arena 9 Ret. veemência do discurso ou do argumento 10 Agón, divindade da competição. (ἄγω)

²⁷ Esse procedimento é bem visível em *Apologia de Sócrates* de Platão, em que Meleto, desde o início do julgamento requer a pena de morte para o filósofo Sócrates. Em oposição a essa pena, ou seja, como ἄγών τιμητός, com a ironia que caracteriza o personagem platônico, Sócrates propõe umas das maiores honras concedidas a um ateniense: ser sustentado pelo estado até o fim de seus dias, nas dependências do edifício onde eram acolhidos os visitantes mais ilustres da πόλις. A proposta fez por aumentar o número de votos a favor da pena de morte. Para maiores detalhes dessa narrativa ver Moses I. Finley. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: Edições 70, 1990, PP. 69-83.

Os sentidos apresentados em 1 e 8 e que, depois, serão arrolados com mais clareza e propriedade, com fins de cotejamento, em um dicionário voltado apenas para a épica homérica, são exatamente aqueles possíveis de serem traduzidos na epopeia *Iliada*. É chegado o momento de se deter mais especificamente em algumas características dignas de nota nessa obra e no uso do termo ἄγών em seu contexto literário.

3.2 O AGON EM ILÍADA

O mundo heroico observado em *Iliada* é predominantemente aristocrático. Os heróis formam uma elite guerreira que mantém íntimas relações entre os de sua classe. Essas relações são mediadas principalmente por dois conceitos: a ἀρετή e a τιμή.

Não existe uma tradução exata para ἀρετή, sendo usada, normalmente, *excelência* para designar esse conceito no contexto literário construído por Homero.²⁸ O heroísmo e os atos físicos excepcionais observados no campo de batalha são privativos da nobreza, por isso, nessa obra, a palavra se aplica ao homem nobre que tanto na guerra como na vida privada se regia por certas normas de conduta que eram alheias ao homem comum, conforme atesta Jaeger (2001, p. 26) no capítulo destinado aos poemas homéricos:

A areté é o atributo próprio de nobreza. Os Gregos sempre consideraram a destreza e a força incomum como base indiscutível de qualquer posição dominante. Senhorio e areté estavam inseparavelmente unidos. A raiz da palavra é a mesma: ἄριστος, superlativo de distinto e escolhido, que no plural era constantemente empregado para designar a nobreza.

²⁸ Jaeger ainda menciona que também é utilizada a tradução por *virtude*, não havendo, contudo, o sentido moral que essa palavra possui em contextos atuais. De fato, excelência e virtude são as traduções mais comuns encontradas para o termo ἀρετή.

Portanto, essa exclusividade qualitativa própria de uma classe social permite inferir que a *areté* é um ideal ético aristocrático indissociável da força e da destreza dos guerreiros homéricos.

Intimamente ligada a ἀρετή está a τιμή, *honra*, que é um conceito que surge da interação entre os homens aristocráticos no contexto literário dos poemas homéricos. Nesse mundo de guerreiros, os heróis se tratam mutuamente com respeito e honra constantes, pois nisso se assentava toda a ordem social.

É importante registrar que os conceitos de ἀρετή e τιμή se materializam em campo de batalha, uma vez que os guerreiros só mostravam o seu devido valor na guerra, ou seja, em disputas²⁹. A ἀρετή, *excelência*, mede o valor que um guerreiro tem em combate. O campo de batalha é o lugar no qual o ἀγαθός, *o bom, o nobre*³⁰, mostra a sua ἀρετή conquistando a κλέος, *glória*. Mais precisamente na narrativa apresentada na *Iliada*, percebe-se que Aquiles abandona o campo de batalha por ter sido ultrajado em sua τιμή quando Agamêmnon se apodera de seu γέρας, *presente em honra por um feito conquistado em batalha*, que, no caso, era a bela Briseida.

O homem em *Iliada* só adquire a consciência do seu valor quando é reconhecido pela sociedade a qual pertence, momento em que sua τιμή é afirmada pelo outro. Ele torna-se o produto da sua classe aristocrática e para isso é necessário que sua ἀρετή seja a medida desse prestígio, surgido da disputa entre seus semelhantes. Esse ideal aristocrático é representado na recomendação dada pelo pai a Glauco³¹:

αριστεύειν και υπείροχον έμμεναι αλλων (Il. 6.208).

(...) *que primasse pela valentia e fosse superior aos outros todos.*

Essa passagem demonstra a individualidade inerente do herói homérico e a luta constante com o intuito de se estabelecer uma relativa hierarquia dentro do grupo aristocrático, e demonstra também um alto caráter competitivo que, por vezes, extrapola para outras ações, como, por exemplo, para os contestes atléticos, como aqueles realizados

²⁹ É interessante frisar aqui novamente que os contestes atléticos são um simulacro da guerra.

³⁰ Deve-se ressaltar que o superlativo ἀριστος, designado por Jaeger é exatamente um superlativo irregular desse adjetivo no grau normal.

³¹ Essa mesma recomendação dada a Aquiles pelo seu pai é encontrada em Il. 11.784.

num curto período de cessação de hostilidades em honra ao herói Pátroclo, que havia morrido. A hierarquia pressupõe níveis, e, assim, é possível perceber o desejo de superação que é inerente ao ato de competir. Esse caráter competitivo é associado em situações nas quais o substantivo ἄγών está presente.

O substantivo masculino ἄγών remete ao verbo ἄγειν que, entre outras conotações, significa principalmente *conduzir, levar, guiar alguém, atrair, celebrar*. Pode-se perceber que no verbo há uma ideia de interação entre indivíduos, mas não necessariamente um embate físico. Scanlon (1983) com base em paralelos semânticos de ἄγών, em várias outras línguas indo-europeias, sugere que a raiz comum da palavra possa ser conectada com agressão ou dominação, concluindo o autor haver a possibilidade de existência léxica no protoindo-europeu para os contestes atléticos, cuja raiz comum é vista no elemento *ag-, *levar, direcionar*.

Em seu dicionário do léxico presente na épica homérica, Autenrieth (1984) apresenta um verbete que traz toda a extensão do campo semântico do vocábulo *agón* no texto de *Ilíada* e *Odisseia*. Percebe-se a ideia de reunião subjacente a todos os significados arrolados, conforme a tradução do verbete apresentada abaixo:³²

ἄγών, ὄνος, ὄ, (ἄγω), *commitium*, *lugar de encontro*. – (1) *reunião, ἵζανεν, Ψ 258; λῦτο, Ω 1*. – (2) *lugar onde a reunião se dá: (a) θεῖος, Η 298, área diante do templo, a cercania do templo; Σ 376, salão dos deuses; ainda cf. θ 264; νεῶν, espaço atrás dos navios, i.e. entre os navios e a costa, o acampamento de navios; νεῶν ἐν ἄγῶνι, 500, difere em sentido de Ο 428; (b) lugar da cena de combate, arena, incluindo o espaço reservado para os espectadores, Ψ 531. [U –]*

É digno de nota que a ideia de reunião seja inerente ao espaço onde a mesma acontece, o que fica perceptível na frequente expressão dos lugares apresentados no verbete. No decorrer do estudo, será possível observar como a ideia de lugar, em variados âmbitos e movimentos espaciais, se encontra atrelada aos diversos usos do termo ἄγών.

³² As letras do alfabeto grego servem para identificar os cantos nos quais aparecem os exemplos (as letras maiúsculas dizem respeito à *Ilíada* e as minúsculas à *Odisseia*).

Digno de menção ainda é o fato de o termo ἄγων nos poemas homéricos, em comparação com o dicionário geral do léxico grego anteriormente citado, apresentar-se em sentidos bem específicos, por se relacionarem, sobretudo na *Iliada*, a um contexto literário guerreiro que estabelece o emprego do termo.

Cunliffe (1963), em sua obra clássica de referência do léxico do dialeto homérico, apresenta exemplos semelhantes a Autenrieth, acrescentando, contudo ainda mais dois exemplos relacionados ao campo semântico do termo ἄγων. Esses dizem respeito aos navios gregos reunidos, como, por exemplo, nas passagens, todas constantes na *Iliada*, em que os mesmos se encontram atracados na praia: 16.239, 19.42 e, por fim, 20.33, em que aparece a construção μετ' ἄγωνα νεῶν, *entre a aglomeração das naus*³³. É bom frisar que esses usos não se referem a um contexto atlético.

Uma apreciação mais acurada do poema revela, contudo, haver uma conexão de ἄγων com jogos e contestes, o que é comprovado pelo elevado número de vezes em que o termo aparece no canto XXIII, durante os contestes atléticos em Honra a Pátroclo. De fato, Weiler (1974, p. 37) afirma que dos 23 versos nos quais ἄγων aparece em *Iliada*, 16 se relacionam aos Jogos Fúnebres em Honra de Pátroclo.

Como se pode observar com base no variado número de conceitos presentes no campo semântico do termo ἄγων, variadas são as traduções assumidas pelos diversos autores que empreenderam o desafio de traduzir a *Iliada* para a língua portuguesa, tais como Odorico Mendes, Carlos Alberto Nunes, Haroldo de Campos, Frederico Lourenço, entre outros, o que permite ao autor desse trabalho certa liberdade na sua proposta de tradução em cada excerto em o termo aparece no canto XXIII. Tal investigação será feita a partir do uso do termo no contexto literário da épica homérica, tendo em vista o caráter espacial tão frequente na utilização da palavra por meio da sintaxe grega.

A primeira ocorrência do vocábulo ἄγων no canto XXIII se dá em uma passagem que será analisado em pormenor no capítulo seguinte. É importante citá-lo aqui porque tal termo serve de ponto de partida para todos os exemplos no qual o ἄγων irá se referir a um conteste. Nesse momento, o sentido de reunião se complementa com a ideia de oposição, tendo, portanto, o termo o significado de arena em que as pessoas se reúnem para apreciar

³³ ELLSWORTH, James D. *Agon: Studies in the Use of a Word (Ph. D. diss.)* enfatiza como significado improvável os navios estarem reunidos com finalidade de servirem a um conteste.

ou participar dos jogos, ou seja, uma assembleia reunida para um fim específico, que no caso é a disputa. O poeta menciona duas ações realizadas por Aquíles, que se direcionam para uma coletividade (v. 258):

αὐτοῦ λαὸν ἔρυκε καὶ ἴζανεν εὐρὺν ἀγῶνα,
 (...) *retém o seu povo e o senta em ampla arena.*

O termo ἀγών se encontra na função sintática de um acusativo de extensão no espaço, delimitando bem a característica espacial em que essa palavra é empregada comumente. O valor de lugar, nas mais variadas possibilidades sintáticas da língua grega, é bem visível, nas passagens que serão arroladas a partir de agora.

O acusativo é o caso da transitividade por excelência do grego. Ao ser regido por determinadas preposições, ele forma variados adjuntos adverbiais que indicam lugar para onde. A primeira construção desse tipo é observada no momento em que o poeta menciona uma premiação destinada a Nestor, a saber, uma copa de duas asas (vv. 616-7):

τὴν Νέστορι δῶκεν Ἀχιλλεὺς
 Ἀργείων ἀν' ἀγῶνα φέρων, καὶ ἔειπε παραστάς
*A Nestor deu-a Aquíles,
 que a portava entre os Argivos, sobre a arena, e lá presente disse:*

Nas demais ocorrências em que o vocábulo se encontra para expressar o movimento de lugar para onde, dá-se a construção mais conhecida na sintaxe da língua grega, a saber, a preposição εἰς (ἔς no dialeto homérico) associado ao caso acusativo. Há um total de quatro ocorrências da referida construção. Na primeira delas, que ocorre no conteste do pugilato, o poeta faz menção a atos próprios a preparação dos guerreiros Euríolo e Epeio antes de se dirigirem para o centro da arena (v. 685):

τῶ δὲ ζῶσαμένω βήτην ἐς μέσσον ἀγῶνα,
os dois que se cingiram foram para o meio da arena, (...)

É interessante mencionar que o acusativo ἀγῶνα é determinado pelo adjetivo μέσσος, *situado no meio de*, o que concede um ponto de chegada para a ação em curso, expressa pelo verbo βαίνειν, *ir, andar, caminhar*. O verbo βαίνειν exprime uma ação fisiológica, mais precisamente, o ato de afastar as pernas para andar, e isso o torna um verbo bem propício para ser utilizado em situações relacionadas à motricidade humana. Deve-se ainda dizer que tal verbo, por pertencer às categorias de verbos de movimento, vai comumente ser utilizado para expressar o movimento dos participantes dos contestes atléticos. Situação análoga é observada, dessa vez no conteste da luta, quando os guerreiros Άjax Telamόνιο e Odisseu se preparam em uma sequencia de atos semelhantes, ou seja, de preparação e finalidade (v. 710):

ζωσαμένω δ' ἄρα τώ γε βάτην ἐς μέσσον ἀγῶνα,
e, assim, após ambos terem se cingido, os dois, então, foram para o meio da arena, (...)

É digna de nota a semelhança quase formular com o exemplo anterior, diferindo a forma em que o verbo βαίνειν se apresenta em função da métrica.³⁴ No exemplo seguinte, é mencionada parte de premiação do conteste de combate, no caso uma lança de longo comprimento, sendo as demais um escudo e um elmo, todas elas pertencentes à Sarpédon e que foram conquistadas por Pátroclo em batalha (vv. 798-9):

αὐτὰρ Πηλεΐδης κατὰ μὲν δολιχόσκιον ἔγχος
 θῆκ' ἐς ἀγῶνα φέρων,
Em seguida, o Pelida depôs a lança de sombra comprida, levando-a para a arena, (...)

³⁴ A forma βήτην do verso 685 possui duas sílabas longas, ao passo que a forma βάτην do verso 710, com alfa breve, possui uma sílaba breve e a outra longa, para se adequar as necessidades métricas do hexâmetro dactílico.

Mais uma vez ocorre a construção determinada pela preposição εἰς ligada ao caso acusativo, expressando a constância desse movimento quando o poeta menciona o termo ἄγων. Dessa vez o movimento é expresso não pelo verbo βαίνειν, como nas passagens anteriores, mas pelo particípio presente do verbo φέρειν, *levar, portar*, em uma ação simultânea a do verbo principal τιθέναι, *colocar, depor*.

Por fim, a última ocorrência no caso acusativo, análoga em construção e também situada no contexto de premiação, ocorre no lançamento de lança, última modalidade dos jogos presentes no canto XXIII, que seria um antecedente do moderno lançamento de dardo (vv. 885-6):

καὶ δὲ λέβητ' ἄπυρον βοῶς ἄξιον ἀνθεμόεντα
 θῆκ' ἐς ἀγῶνα φέρων·
e um caldeirão florido, que não foi ao fogo, no valor de um boi,
dispôs, enquanto o levava para a arena;

As frequentes repetições observadas assinalam a marca da oralidade, que é uma das principais características da épica homérica. Tal artifício, além de servir de função mnemônica, torna a linguagem mais grandiosa em um gênero construído para ser cantado. Com essa repetição mnemônica, encerram-se as ocorrências em que o termo ἄγων se apresenta nas funções referentes ao caso acusativo.

Outra ocorrência frequente da palavra em pauta, no sentido de reunião com a finalidade de disputa, é constatada na construção que é o adjunto adverbial de lugar onde, por excelência na língua grega, a saber, a preposição ἐν associada ao caso dativo. A primeira construção desse tipo, num total de cinco, ocorre no momento em que Aquiles apresenta os prêmios a serem dados aos vencedores na corrida de carros de guerra (v. 273):

ἵππηας τάδ' ἄεθλα δεδεγμένα κεῖτ' ἐν ἀγῶνι.
Os prêmios mostrados aos cavaleiros estão dispostos na arena.

Por não expressar movimento, o adjunto adverbial de lugar onde delimita perfeitamente o espaço em que guerreiros e prêmios se encontram reunidos, o que é enfatizado pela presença do verbo κείσθαι, *estar em repouso, estar situado, encontrar-se*. É interessante frisar que objetos, como os referidos prêmios, fazem parte do espaço, estabelecendo um quadro que representa as características essenciais para o surgimento da disputa.

Para a próxima ocorrência, vale lembrar que o termo ἀγών, como salienta Autenrieth em seu dicionário de palavras da épica homérica, faz referência também ao espaço reservado aos expectadores, que evidentemente não são aqueles que estão em uma disputa física, mas aqueles que se encontram em uma oposição pelos seus preferidos nos contestes. O poeta faz exatamente referência a esse espaço ao mencionar uma imagem pitoresca que, de certa maneira, faz uma pausa na própria narrativa da competição em andamento, a saber, a corrida de carros de guerra (vv. 448-9):

Ἀργεῖοι δ' ἐν ἀγῶνι καθήμενοι εἰσορόωντο
ἵππους·
*Os argivos sentados na torcida olhavam
para os cavalos;*

Dois verbos compostos estão relacionados aos argivos que se fazem presentes nessa torcida. O primeiro é καθίζειν, *sentar-se*, verbo esse composto pelo prefixo κατά que marca o próprio ato de movimentar-se de cima para baixo, ficando em repouso na posição estabelecida pelo verbo simples ἵζειν, cujo sentido também é sentar. Contudo, no primeiro verbo, por conta do prefixo, percebe-se mais claramente a ideia de uma determinada ordem que forma o espaço da torcida.³⁵ Tal verbo, por se encontrar no particípio presente indica uma ação de repouso que ocorre simultaneamente ao ato expresso pelo verbo principal, ou seja, εἰσορᾶν, *olhar para*. Esse verbo está na voz média, e isso é um dado muito interessante já que mostra a participação da torcida diante do espetáculo que se desenrola aos seus olhos. A ideia de movimento em direção a determinado ponto alcançado pela

³⁵ O termo catálogo, da língua portuguesa, de origem grega, expressa bem esse caráter de itens perfilados numa certa organização.

visão, no caso os ἵπποι, *cavalos*, é expressa pelo prefixo εἰς associado ao verbo ὀρᾶν, *olhar, ver, perceber*, em uma ação muito mais profunda e subjetiva que qualquer uma que fosse empregada com o verbo βλέπειν, por exemplo, que indica a pura ação de olhar.

Outra construção com lugar onde, ainda no espaço da torcida composta pelos argivos, aparece na passagem na qual Aquiles repreende Ajaz e Idomeneu por estarem discutindo sobre quem se encontrava na dianteira da corrida de carros de guerra (v. 495):

ἀλλ' ὑμεῖς ἐν ἀγῶνι καθήμενοι εἰσοράσθε
ἵππους·
*mas vós, sentados na torcida, olhais
para os cavalos;*

Percebe-se novamente aqui o sentido de ἀγών como o lugar de onde é possível observar a corrida, ideia bem enfatizada pela presença mais uma vez do verbo εἰσορᾶν, *olhar para*, que, como foi mencionado, possui o prefixo preposicional εἰς indicador da direção para onde se olha. Não se está distante do espectador que no teatro se senta a fim de observar a ação mimética que se desenrola em cena. Poder-se-ia dizer que o verbo θεᾶσθαι, *observar, contemplar*, muitas vezes citado em comentários acerca da observação de um receptor no teatro, estaria lançando, implicitamente, seu sentido nessa passagem, ao formar uma intrínseca relação com o verbo εἰσορᾶν. De fato, os jogos se apresentam claramente nessa passagem como um evento digno de ser apreciado e pensado em seus vários espaços constituintes. Há o espaço a ser contemplado e o espaço de contemplação, e os conceitos de ἀγών transitam por ambos.

A passagem seguinte enfatiza o momento em que o vencedor da corrida de carros de guerra, Diomedes, faz sua descida triunfal em meio ao espaço de disputa. O poeta registra o feito em uma curta e direta oração (vv. 506-7):

στῆ δὲ μέσῳ ἐν ἀγῶνι, (...)
Postou-se em meio à arena,

É interessante comparar a presente construção em caso dativo com as duas ocorrências anteriormente citadas em que os mesmos termos se encontravam em um acusativo de lugar para onde.³⁶ Na passagem em pauta, há a necessidade de marcar o lugar em que o herói se coloca após vencer a disputa, e daí a utilização da preposição ἐν ligada ao caso dativo e reforçada pelo adjetivo μέσος, *situado no meio de*. O ἄγών nesse verso volta a possuir o sentido de lugar de disputa, mesmo estando essa encerrada, pelo menos, para o guerreiro Diomedes.

Entre os outros concorrentes que ainda não haviam completado a corrida de carros de guerra se apresenta Meríones, que é citado pelo poeta como possuindo uma falta de habilidade na condução de seu carro (v. 531):

ἥκιστος δ' ἦν αὐτὸς ἐλαυνέμεν ἄρμ' ἐν ἄγῳνι.
e ele próprio era o mais lento a conduzir o carro na arena.

O superlativo ἥκιστος, *mais lento*, topicalizado no início do verso, evidencia bem o desejo do poeta em enfatizar a específica inabilidade do guerreiro em dar conta da ação determinada pelo infinitivo épico ἐλαυνέμεν, *conduzir, dirigir*. Cabe ressaltar, pela primeira vez, entre as passagens citadas até o momento, o aparecimento do termo ἄρμα, *carro*, o objeto da condução.

Como se pode notar até aqui, as passagens que expressam lugar onde, em meio ao contexto do emprego do termo ἄγών, são muito frequentes no canto XXIII. A quinta e última ocorrência dessa palavra regida pelo caso dativo é observada, no referido canto, no momento em que o poeta menciona o prêmio ao vencedor do conteste do pugilato, uma mula, que é apresentada com uma riqueza de detalhes (vv. 654-5):

ἡμίονον ταλαεργὸν ἄγων κατέδησ' ἐν ἄγῳνι
 ἐξέτε' ἀδμήτην,
*conduzindo uma mula de seis anos, ainda não domada
 e resistente ao trabalho, amarrou-a na arena,*

³⁶ Tais construções estão nos versos 685 e 710 do canto XXIII.

A mula em questão é um prêmio, como muitos outros que serão arrolados no próximo capítulo, que, de certa maneira, demonstra um aspecto importante para a institucionalização dos contestes, no caso, a premiação. Na passagem, o verbo καταδεῖν, *atar, amarrar*, exprime um ato feito pelo herói Aquiles que se coloca, em vários momentos do canto XXIII, como uma espécie de organizador das necessidades inerentes a uma competição. Tal verbo pode se completar com o adjunto adverbial de lugar onde, exatamente o ἐν ἀγῶνι expresso no texto. É interessante constatar o jogo construído pelo poeta entre os termos ἄγων, que é o particípio presente do verbo ἄγειν, *conduzir, levar*, e ἀγών. Como já mencionado, tais termos são cognatos. Em sua ação simultânea ao ato expresso pelo verbo principal, o particípio presente apresenta a ἡμίονος, *mula*, com a especificação de suas qualidades, a saber, ταλαεργός, *resistente ao trabalho*, ἄδμητος, *ainda não domada*, e ἑξέτης, *de seis anos de idade*.

Por fim, as três últimas ocorrências de ἀγών, no canto XXIII, são regidas pelo caso genitivo, com as várias funções possibilitadas pela presença de determinadas preposições e verbos que regem esse caso. De maneira geral, o genitivo apresenta ideias espaciais de ponto de partida, lugar de origem e posse. Nas três passagens levantadas aqui, é observado, respectivamente, o ἀγών sendo seguido por duas preposições e sendo regido por um verbo composto, que apresenta um prefixo preposicional em sua composição.

A primeira construção do termo ἀγών no caso genitivo ocorre no momento em que o poeta se refere ao fato de Idomeneu estar sentado em lugar mais alto do que os demais na torcida, a fim de melhor observar a corrida de carros de guerra. Tal ato poderia, talvez, dizer a respeito à ansiedade do guerreiro em face à corrida, que, de certa maneira, estaria nesse ponto elevado para aproveitá-la ao máximo (v. 451):

ἦστο γὰρ ἐκτὸς ἀγῶνος ὑπέρτατος ἐν περιωπῇ·

pois ele estava sentado mais elevado, fora da torcida, em um mirante;

A preposição ἐκτός, *fora de*, determina uma exclusão de espaço que vai possibilitar a apresentação de um lugar que se encontra fora do ἀγών, a saber, a περιωπή, *mirante*. É interessante constatar que o lugar do herói é expresso exatamente pela preposição ἐν, que

foi analisada varias vezes aqui em construções de lugar onde, com o termo ἄγων. Contudo, o que é dito na passagem faz referência à observação de Idomeneu para o espaço em que o conteste se realiza, estando ele fora do âmbito que engloba a reunião dos expectadores. Deve-se ressaltar nessa relação à presença do duplo sentido do termo ἄγων, tanto em seu significado de torcida (o espaço dos expectadores reunidos, que teoricamente seria o lugar em que Idomeneu poderia estar, tendo em vista o detalhamento do poeta em frisar sua ausência) quanto em seu sentido de arena, que é o lugar para onde o guerreiro dirige o seu olhar.

A próxima passagem diz respeito a outro tipo de ação espacial expressa pelo genitivo, que dessa vez encontra-se regido pela preposição διὰ, que indica movimento através. O contexto literário ao qual se refere o poeta é o do pugilato, expressando uma situação sobre o estado do guerreiro Euríolo, que é retirado da arena de combate pelos seus amigos após ter sido esmurrado pelo seu oponente Epeio (v. 696):

οἱ μιν ἄγον δι' ἄγωνος ἐφελκομένοισι πόδεσσιν
eles o conduziam através da arena com os pés se arrastando

Percebe-se a ideia de ponto de partida do espaço através do qual o personagem, após ser nocauteado, é arrastado: do ponto em que ocorreu a luta, atravessando a extensão da arena de combate. Novamente, evidencia-se a presença do verbo ἄγειν junto ao termo ἄγων, em uma ação de movimento que é caracterizada pelo dativo de modo, que vai expressar a maneira como Euríolo era arrastado, ação esta apresentada pelo verbo ἐφέλκειν, *arrastar*, no particípio presente médio, indicando uma ação simultânea à expressa pelo verbo principal.

A terceira e última passagem em que o termo ἄγων se apresenta no caso genitivo se dá na narrativa em que o herói Poliptes executa uma ação que, pela sua ênfase, parece se colocar como um feito maior do que o ato dos seus oponentes no conteste de lançamento do disco. Tal afirmação é justificada pelo recurso do símile, que se utiliza de um fato do cotidiano do homem grego para enfatizar uma ação específica no contexto épico, que é

exatamente o que ocorre na referida passagem para fazer menção ao vencedor desta modalidade (vv. 845-7):

ὅσσόν τις τ' ἔρριψε καλαύροπα βουκόλος ἀνήρ,
 ἦ δέ θ' ἔλισσομένη πέτεται διὰ βοῦς ἀγελαίας,
 τόσσον παντὸς ἀγῶνος ὑπέρβαλε·
assim como um homem boieiro lança seu cajado,
e que rodopiando voa através do rebanho de bois,
assim também ultrapassou toda a arena;

A ação cotidiana pertence ao mundo campesino, que no caso diz respeito ao ato de o boieiro atirar seu cajado longe a fim de controlar seu rebanho. Essa atitude serve de comparação para o ato diferenciado realizado pelo herói. O verbo πέτεσθαι, *voar*, de maneira metafórica expressa a velocidade com que o cajado atravessa o rebanho, e essa ação auxilia e introduz o feito no contexto literário épico, que concede ao personagem a ação expressa pelo verbo ὑπερβάλλειν, *ultrapassar*. Cunliffe (1963, p. 6) sugere que o vocábulo ἀγών começa a se distanciar aqui do sentido original de reunião, representando assim os competidores do certame. De fato, pode-se aventar a hipótese de que o herói, ao lançar o disco, ultrapassou as marcas de todos os demais que o precederam da mesma maneira que o cajado atravessa todos os bois do rebanho. Contudo, segundo Kirk (1993, p. 265) o sentido de ἀγών permanece o de área em que os espectadores estão ou mais provavelmente de área marcada para um conteste. O dicionário de Bailly, no verbete do verbo ὑπερβάλλειν, se adequa a esta afirmação, citando a passagem em pauta por meio da expressão ἀγῶνος ὑπερβάλλειν, com significado de *lançar por todo o espaço reservado aos jogos*. Como se pode notar na tradução apresentada aqui, optou-se pela manutenção dessa ideia espacial, que é mais condizente com a análise proposta nessa dissertação.

É interessante constatar que nenhuma das ocorrências do vocábulo ἀγών, no canto XXIII, se encontra no caso nominativo. Talvez porque na vivaz narrativa das ações dos jogos seja muitas vezes necessário enfatizar o local onde ocorre a ação, e isso não pode ser construído sintaticamente com o caso nominativo, já que não exprime o lugar onde, para onde e de onde, respectivamente, expressos pelos casos dativo, acusativo e genitivo, e isso

talvez sustente ainda mais o significado de ἄγων como o lugar reservado aos contestes, seja a arena onde ocorre a disputa dos contestes, seja o espaço reservado à torcida. Deve-se registrar que a única ocorrência da palavra ἄγων no caso nominativo ocorre no primeiro verso do canto XXIV, ainda no contexto dos jogos, sendo também essa também a última vez que o termo aparece em *Iliada*:

λυτο δ' ἄγων,
dispersou-se a reunião,

Nesse sentido, o uso do termo ἄγων no caso nominativo ocorre apenas para que o poeta expresse o seu encerramento, isto é, o final dos contestes. De fato, na verdade, no canto XXIV nada mais há a respeito dos jogos, senão essa curta frase, que não expressa mais a narrativa do envolvimento dos heróis gregos na espacialidade dos âmbitos de ἄγων, uma vez que a função da narrativa, nesse momento, passa a ser outra.

Diante de tudo que foi exposto aqui, pode-se dizer que em *Iliada*, o conceito de ἄγων ainda se encontra próximo de seu sentido bem específico, que é o de *reunião*, seja de pessoas ou embarcações, seja fazendo referência ao local onde se encontram os deuses para receber homenagens ou os mortais para realizar jogos. Pode-se inferir que o posterior caráter semântico de oposição do vocábulo tenha se originado a partir da utilização do mesmo para designar os contestes atléticos.

No próximo capítulo, será importante destacar outros termos que evidenciam o surgimento do que se poderia chamar de uma institucionalização dos contestes atléticos em solo helênico. Nesse intuito, pretende-se analisar tais conceitos, em meio aos atos que aparecem no contexto literário atlético, mais precisamente, nos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo.

4. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CONTESTES ATLÉTICOS NO CANTO XIII DA *ILÍADA*.

É perfeitamente sabido que os contestes em honra ao herói morto Pátroclo são empreendidos com uma cerimônia festiva em honra à glória imorredoura do herói, sendo, portanto, a morte de Pátroclo indissociável dos contestes que o honram, o que torna tal evento um complemento necessário ao próprio funeral do guerreiro, e inseparável deste. Contudo, durante toda a narrativa dos contestes, essa relação pode até mesmo ser compreendida como desnecessária para o receptor atual do discurso homérico, uma vez que nenhuma menção ao nome do herói morto é feita e nem há alguma expressão de tristeza da parte de Aquíles, que o mostre em prantos (o que, de fato, havia ocorrido anteriormente), ou da parte de outra personagem da *Iliada*. Em suma, durante a leitura dos versos relacionados aos jogos, para apreender o seu sentido esportivo, é possível até mesmo omitir a situação tão importante que o originou e que lhe impregna o significado, a saber, a morte de Pátroclo. Tanto isso é possível que Aquíles, o colérico herói que matou Heitor e que se empenhou no ultraje de seu cadáver no intuito de lhe negar a bela morte em campo de batalha, não satisfeito apenas com a morte do príncipe troiano, apresenta-se, durante os jogos, como um verdadeiro contemporizador das ações de contenda que se apresentam na narrativa, e isso faz com que, de certa maneira, o personagem se apresente com uma caracterização oposta a sua forma de agir na maior parte da construção da *Iliada*. A carga dramática tão presente na obra é dissipada no decorrer dos contestes, o que denota um espaço e um acordo para a representação de uma festividade, os jogos propriamente ditos, que, ao serem retratados dessa maneira numa obra literária original, expressam, na literatura grega, a institucionalização do esporte na Grécia Antiga.

Os Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo têm início no verso 257 do canto XXIII, no momento em que Aquíles impede que os aqueus se dispersem, após a prestação das honras fúnebres propriamente ditas ao guerreiro morto, e vão até o último verso do canto. No início da narrativa dos jogos, pode-se notar a exigência de um acontecimento grandioso com vistas a honrar um herói. Pátroclo é um indivíduo que, por ser herói, encontra-se fora do padrão comum, uma vez que ultrapassa o μέτρον, *medida*, e, nessa sua transgressão,

deve receber algo a mais do que aquilo que é destinado ao homem comum. No momento dessa dispersão, é interessante frisar que Aquiles a evita, estabelecendo uma reunião, momento em que ocorre a menção do vocábulo ἀγών (XXIII, 258), já trabalhado no capítulo anterior. A passagem é repetida aqui por necessidade:

αὐτοῦ λαὸν ἔρκε καὶ ἴζανεν εὐρὺν ἀγῶνα,
 (...) *retém o seu povo e o senta em ampla arena.*

Tal enunciado divide o canto em duas situações bem distintas, o que reforça a independência dos contestes em relação aos ritos fúnebres de Pátroclo, como foi frisado no começo desse capítulo. Aqui, tem-se início a instituição de um espaço delimitado em que determinadas características inerentes a qualquer representação atlética serão apresentadas como elementos necessários à sua organização. Nesse sentido, características imprescindíveis ao atual esporte podem ser vislumbradas no que se propõe a ser chamada a gênese dessa institucionalização, marcada na obra literária que deu origem à literatura ocidental, tais como a premiação, a arbitragem e a pessoa de um treinador. É sobre esses componentes que o presente estudo irá se debruçar a partir de agora.

4.1 A PREMIAÇÃO

A anúncio da premiação precede os contestes atléticos nos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo. Sua importância, na narrativa épica, é caracterizada tanto pela riqueza de detalhes dos prêmios quanto pelas situações envolvidas no ato de atribuí-los aos participantes dos contestes. Digno de nota é a apresentação dos prêmios antecipando o número de competidores em cada conteste da premiação, pois todo aquele que compete recebe um prêmio, exceção no arremesso do peso de ferro quando então só há um premiado, porque só há um prêmio que é o próprio peso arremessado³⁷. O fato de todos receberem um prêmio, uma situação inusitada quando comparada com a posterior evidência histórica dos contestes atléticos helênicos, muito provavelmente se fundamenta no caráter

³⁷ Alguns tradutores utilizam a ideia de um arremesso de disco para traduzir a passagem em pautas.

conciliador que permeia todo o canto XXIII. Os prêmios aparecem pela primeira vez na *Ilíada* na modalidade atlética da corrida dos carros de guerra, sendo citados pelo poeta que os elenca de maneira detalhada e por ordem da chegada de cada um dos possíveis vencedores (vv. 259 – 270):

νηῶν δ' ἔκφερ' ἄεθλα λέβητάς τε τρίποδάς τε
 ἵππους θ' ἡμίονους τε βοῶν τ' ἴφθιμα κάρηνα,
 ἠδὲ γυναικάς ἐϋζώνους πολιόν τε σίδηρον.
 ἵππεῦσιν μὲν πρῶτα ποδώκεσιν ἀγλά' ἄεθλα
 θῆκε γυναικά ἀγεσθαι ἀμύμονα ἔργα ἰδυῖαν
 καὶ τρίποδ' ὠτώεντα δυωκαίεικοσίμετρον
 τῷ πρῶτῳ: ἀτὰρ αὖ τῷ δευτέρῳ ἵππον ἔθηκεν
 ἐξέτε' ἀδμήτην βρέφος ἡμίονον κυέουσαν·
 αὐτὰρ τῷ τριτάτῳ ἄπυρον κατέθηκε λέβητα
 καλὸν τέσσαρα μέτρα κεχανδότα λευκὸν ἔτ' αὐτως·
 τῷ δὲ τετάρτῳ θῆκε δύο χρυσοῖο τάλαντα,
 πέμπτῳ δ' ἀμφίθετον φιάλην ἀπύρωτον ἔθηκε.

Das naus trouxe os prêmios: caldeirões,

trípodes, cavalos, mulas, bois cabeças robustas,

mulheres de belas cinturas e ferro cinzento.

Aos ágeis cavaleiros colocou os esplêndidos primeiros prêmios:

uma mulher, sabedora de trabalhos irrepreensíveis, para levar para si,

e uma trípode com alças com capacidade para vinte e duas medidas,

para o primeiro lugar; para o segundo, pôs uma égua

de seis anos e indomada, prenhe de uma mula;

para o terceiro, pôs um caldeirão ainda não levado ao fogo,

belo, branco e com capacidade para quatro medidas;

para o quarto, pôs dois talentos de ouro;

e para o quinto, pôs uma ânfora de duas asas ainda não levada ao fogo.

Após a especificação de um conjunto de prêmios que visam a enfatizar o valor e a chegada dos mesmos no espaço agonístico, o poeta especifica qual seria o prêmio que caberia aos competidores, usando para tanto um enriquecimento da linguagem, com o uso de determinações que enobrecem o texto épico. Os prêmios que serão disputados por Eumelo, Diomedes, Menelau, Antíloco e Meríones são bem variados, recebendo vários floreamentos. Cabe ressaltar que o discurso homérico retrata um passado micênico glorioso, e nessa proposta ele apresenta uma construção literária com elementos da data de sua elaboração, e isso pode ser evidenciado com base na especificação dos prêmios e nas diferenças de valores, que dizem mais a respeito ao que seria a época do poeta (século VIII a.C.) do que propriamente a Grécia Micênica.

Além dos tripodes, são observados também escudos e cavalos nas representações pictóricas de contestes no Período Geométrico. Quanto aos dois talentos de ouro, é curioso o fato de que eles sejam o prêmio do quarto colocado, o que denota algo de valor secundário. Uma antiga discussão a respeito considera que o talento homérico valeria cerca de um boi, valor menor que o talento do Período Clássico.³⁸ No período clássico, por exemplo, o ouro poderia ser destinado ao primeiro lugar, caso fosse feito algum tipo de disputa com premiação.

A importância da corrida de carros de guerra é medida pela quantidade de versos que a compõem, o que determina mais da metade da parte do canto XXIII destinada aos contestes. Richardson (2003, p. 203) detalha a corrida em quatro seções:

- a) *Preparação para a corrida (vv. 262-361)*
- b) *A própria corrida (vv. 362-447)*
- c) *A discussão entre os espectadores Idomeneu e Ajax (vv. 448-498)*
- d) *O fim da corrida e o recebimento dos prêmios (vv. 499-652)*

Como é possível notar, 390 versos são dedicados à corrida de carros de guerra, em meio a uma série de detalhes que constroem de maneira bem abrangente os componentes que permitem sugerir a institucionalização do esporte na Grécia antiga, como fonte literária.

³⁸ Para maiores detalhes conferir RICHARDSON, Nicholas (2003, p. 204).

Entre esses elementos, estão ainda as figuras de um árbitro e de um treinador, como será visto mais adiante, além da presença do que poderia ser chamado de uma espécie de torcida, com toda uma calorosa discussão a respeito de quem se encontrava em primeiro lugar (o item *c* elencado por Richardson).

O delineamento dos prêmios prossegue na segunda modalidade apresentada nos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo, a saber, o pugilato, cujos prêmios, inseridos entre os versos 653 – 656, são trazidos por Aquiles. O poeta os menciona em uma narrativa bem sucinta, que faz menção ao vencedor e ao perdedor, cujos prêmios parecem ser ambos de valor inferior aos observados anteriormente na corrida:

αὐτὰρ ὁ πυγμαχίης ἀλεγεινῆς θῆκεν ἄεθλα·
 ἥμιονον ταλαεργὸν ἄγων κατέδησ' ἐν ἀγῶνι
 ἐξέτε' ἀδμήτην, ἣ τ' ἀλγίστη δαμάσασθαι·
 τῷ δ' ἄρα νικηθέντι τίθει δέπας ἀμφικύπελλον.

*Em seguida ele pôs os prêmios do doloroso pugilato;
 conduzindo uma mula de seis anos, ainda não domada
 e resistente ao trabalho, amarrou-a na arena;
 para o vencido, uma taça de duas asas.*

O pugilato e a modalidade da luta, que será analisada na sequência, partilham de um mesmo qualificativo, a saber, ἀλεγεινός, *doloroso*, pois ambos eram notoriamente violentos e perigosos. O prêmio de uma mula, detalhada com as especificações, já citadas no capítulo anterior, de ter seis anos, ser ainda indomada e resistente ao trabalho é anunciado para o vencedor, ao passo que uma taça de duas asas configura o prêmio do perdedor, ambos os prêmios de nível inferior ao último prêmio da corrida dos carros de guerra, que era uma ânfora de duas asas.³⁹

Obviamente, a disputa possui dois competidores: Epeio, o carpinteiro que irá contribuir para a feitura do cavalo de madeira em *Odisseia*, e que é o indivíduo que propõe o certame, e Euríalo, um dos líderes argivos, que é o único a responder ao desafio. Euríalo é

³⁹ Cf. Richardson (2003, p. 241).

nocauteado. O pugilato era considerado um dos maiores esportes da Antiga Grécia, sendo inclusive comprovado em imagens pictóricas de vasos Micênicos.

Tal como o pugilato ora descrito, havia outra modalidade de embate corporal, a luta, que, como já foi mencionado, era igualmente violenta, e era também um dos mais populares desportos na antiguidade. A passagem referente à luta é brevemente descrita,⁴⁰ mas permite afirmar se tratar do tipo de luta conhecido como *upright wrestling*, cujo objetivo era lançar o oponente ao chão, ao contrário do estilo *ground wrestling*, no qual a luta continuava no chão até que o oponente admitisse a derrota (esse estilo fazia mais parte do posterior *pankration* do que da luta propriamente).⁴¹ Contestes posteriores aos dos Jogos Fúnebres eram decididos quando o oponente era lançado três vezes ao chão; contudo, na luta homérica, não se pode estabelecer quantas quedas eram necessárias para a vitória.⁴² O poeta, mais uma vez, apresenta Aquiles como aquele que expõe os prêmios para todos os que se encontram reunidos na arena (vv.700 – 705):

Πηλεΐδης δ' αἶψ' ἄλλα κατὰ τρίτα θῆκεν ἄεθλα
 δεικνύμενος Δαναοῖσι παλαιμοσύνης ἀλεγεινῆς,
 τῶ μὲν νικήσαντι μέγαν τρίποδ' ἔμπυριβήτην,
 τὸν δὲ δωδεκάβοιον ἐνὶ σφίσι τιὸν Ἀχαιοί·
 ἀνδρὶ δὲ νικηθέντι γυναῖκ' ἐς μέσσον ἔθηκε,
 πολλὰ δ' ἐπίστατο ἔργα, τίον δέ ἐ τεσσαράβοιον.

*Em seguida o Pelida pôs os prêmios da dolorosa luta,
 pela terceira vez, mostrando-os aos Dânaos.
 Ao vencedor uma enorme trípole, adequada para ir ao fogo,
 Avaliada ela em doze bois pelos próprios Aqueus;
 e para o varão vencido pôs uma mulher no meio [da arena]
 exímia em muitos trabalhos e avaliada em quatro bois.*

⁴⁰ A passagem que apresenta a luta propriamente dita encontra-se entre os versos 706 e 739. O herói Odisseu vence a luta contra seu oponente Ajax Telamônio.

⁴¹ Cf. Richardson, 2003, p. 245.

⁴² Ibidem, p. 245.

Registre-se aqui o valor concedido a cada um dos prêmios, que são mencionados em termos de quantidade de βούς, *bois*, remetendo aos valores encontrados em uma sociedade mais agrária. A trípode citada é determinada enfaticamente pelos adjetivos μέγας, *grande*, e ἐμπυριβήτης, *adequado para ir ao fogo*,⁴³ e possui um valor três vezes maior do que o segundo prêmio: uma γυνή, *mulher*, que é apresentada em uma construção frasal que exprime a sua capacidade no trabalho.

Saindo do âmbito do embate corporal, o conteste da corrida a pé apresenta-se como um alívio em relação aos dois brutais contestes que o precederam. Pela sua estrutura assemelha-se, em menor escala, ao conteste dos carros de guerra. O primeiro prêmio é descrito em uma passagem de extensão maior do que qualquer outra encontrada nos Jogos Fúnebres, contendo uma digressão que traz uma narrativa que remonta a um episódio da vida de Pátroclo e dá margem à historicidade, pois, conforme o poeta, a cratera, o primeiro prêmio, é de proveniência sidônia e comercializado pelos fenícios. E, de fato, vasos de prata e bronze decorados chegavam do Levante por meio de proveniência fenícia, conforme achados arqueológicos, datados dos séculos nono e sétimo a.C. Homero expõe uma narrativa que constrói um forte contraste entre esse valioso objeto e os prêmios do segundo e terceiro lugar citados muito brevemente (vv. 740 – 751):

Πηλεΐδης δ' αἰψ' ἄλλα τίθει ταχυτῆτος ἄεθλα
 ἀργύρεον κρητῆρα τετυγμένον· ἔξ δ' ἄρα μέτρα
 χάνδανεν, αὐτὰρ κάλλει ἐνίκα πᾶσαν ἐπ' αἴαν
 πολλόν, ἐπεὶ Σιδόνες πολυδαίδαλοι εὖ ἤσκησαν,
 Φοίνικες δ' ἄγον ἄνδρες ἐπ' ἠεροειδέα πόντον,
 στήσαν δ' ἐν λιμένεσσι, Θόαντι δὲ δῶρον ἔδωκαν·
 υἱὸς δὲ Πριάμοιο Λυκάονος ὦνον ἔδωκε
 Πατρόκλω ἦρωϊ Ἴησονίδης Εὐνης.
 καὶ τὸν Ἀχιλλεὺς θῆκεν ἄεθλον οὗ ἑτάροιο,
 ὅς τις ἐλαφρότατος ποσσὶ κραιπνοῖσι πέλοιτο·

⁴³ A presença do prefixo preposicional ἐν denota o fato de que tal trípode era adequada para ser colocada ao fogo.

δευτέρῳ αὖ βοῦν θῆκε μέγαν καὶ πίονα δημῶ,
 ἡμιτάλαντον δὲ χρυσοῦ λαισθήϊ' ἔθηκε.

*Em seguida o Pelida colocou os prêmios da velocidade,
 uma cratera de prata trabalhada; que seis medidas
 continha; entre todas as outras sobre a terra
 ela vencia, pois fora bem forjada pelos exímios Sidónios,
 e trazida pelos varões Fenícios pelo mar brumoso,
 no porto a colocaram e deram-na a Toante;
 e como resgate por Lycáon, filho de Príamo,
 Euneos Jasônides a dera a Pátroclo.
 E Aquiles a colocou como prêmio, pelo companheiro,
 para aquele com os pés mais ágeis;
 ao segundo, pôs um boi grande e gordo;
 e pôs meio talento de ouro para o último.*

A notável ἀγύρεος κρητήρ, *cratera de prata*, antecipa e, de certa maneira, empalidece os dois seguintes prêmios, a saber, o βόυς, *boi*, e o ἡμιτάλαντον χρυσοῦ, *meio talento de ouro*, que Aquiles depois dobra para o concorrente em terceiro e último lugar, no caso, Antíloco, em virtude de seu discurso diplomático em louvor aos vencedores, e, assim, angariando a simpatia do contemporizador Aquiles. Os outros dois concorrentes, a saber, Odisseu e Ajáx, filho de Oileu, foram, respectivamente, primeiro e segundo colocados.

Relações de valor concedidas aos prêmios prosseguem na próxima modalidade, a saber, o combate em duelo, que será disputado entre Ajáx Telamônio e Diomedes. Mais uma vez o poeta expõe a narrativa (vv. 798 – 800):

αὐτὰρ Πηλεΐδης κατὰ μὲν δολιχόσκιον ἔγχος
 θῆκ' ἐς ἀγῶνα φέρων, κατὰ δ' ἀσπίδα καὶ τρυφάλειαν
 τεύχεα Σαρπήδοντος, ἅ μιν Πάτροκλος ἀπηύρα.

*Em seguida, o Pelida depôs a lança de sombra comprida,
levando-a para a arena, assim como um escudo e um elmo,
armas de Sarpédon, a quem Pátroclo despojara.*

Os quatro últimos contestes apresentam-se de forma resumida nos últimos cem versos do Canto XXIII. Há divergência se esses quatro últimos contestes fazem parte da narrativa original ou se são uma adição posterior. O primeiro dessa série, combate em duelo, é provavelmente um elemento muito arcaico dos jogos gregos. O prêmio do combate em duelo, as armas de Sarpédon despojadas por Pátroclo, é bem apropriado ao conteste em questão, bem como uma lembrança ao herói ao qual os jogos honram. O embate entre os dois guerreiros participantes, Ajax Telamónio e Diomedes, é muito violento e os aqueus, temendo pela vida de Ajax Telamónio, o dão por empatado cabendo a cada um dos guerreiros prêmios iguais, contudo, Aquiles dá a Diomedes a grande lança.

A narrativa prossegue rapidamente para a próxima modalidade, quando é apresentado o prêmio do lançamento do peso de ferro. O poeta, dessa vez, além de apresentar, como de praxe, elementos discursivos formulares, que, de certa maneira, harmonizam todas as apresentações dos prêmios⁴⁴, concede voz, em discurso direto, ao personagem Aquiles, que valoriza o prêmio a ser concedido (vv. 826 – 835):

αὐτὰρ Πηλεΐδης θῆκεν σόλον αὐτοχόωνον
ὄν πρὶν μὲν ῥίπτασκε μέγα σθένος Ἡετίωνος·
ἀλλ' ἦτοι τὸν ἔπεφνε ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς,
τὸν δ' ἄγρετ' ἐν νήεσσι σὺν ἄλλοισι κτεάτεσσι.
στῆ δ' ὀρθὸς καὶ μῦθον ἐν Ἀργείοισιν ἔειπεν·
ὄρνυσθ' οἱ καὶ τούτου ἀέθλου πειρήσεσθε.
εἴ οἱ καὶ μάλα πολλὸν ἀπόπροθι πίονες ἀγροί,
ἔξει μιν καὶ πέντε περιπλομένους ἐνιαυτοῦς

⁴⁴ A conjunção αὐτὰρ, que indica sequência, ou outra que o valha, e o verbo τιθέναι, *pôr*, *colocar*, *apresentar*, aparecem em quase todas as apresentações de prêmios.

χρεώμενος· οὐ μὲν γάρ οἱ ἀτεμβόμενός γε σιδήρου
ποιμὴν οὐδ' ἄροτῆρ εἶς' ἐς πόλιν, ἀλλὰ παρέξει.

*Em seguida, o Pelida apresentou um massivo pedaço de ferro,
que, antes, a grande força de Eecião movia;
mas, agora, o divino Aquiles de pés ligeiros o feriu,
e conduziu nas naus, junto a outras riquezas.
Colocou-se de pé e expressa um dito entre os argivos:
Levantai-vos, vós que se porão a prova,
Embora longe de seus férteis campos estejam,
pelo decorrer de um período de cinco anos se servirá;
com efeito, não se privará de ferro, nem pastor ou lavrador
precisará ir a cidade, pois haverá o bastante.*

Ao contrário dos demais contestes, nesse só existe um único prêmio, que no caso é o próprio peso de ferro. Algumas traduções afirmam ser o lançamento de um disco, contudo, nada permite afirmar a forma do peso lançado a não ser que era suficiente para o pastor ou lavrador utilizá-lo por um período de cinco anos. A utilização da metalurgia do ferro em um poema que evoca a Idade do Bronze é um dos exemplos anacrônicos mais relevantes em *Iliada*. Em seguida, os competidores se apresentam e, cada um por seu turno, lança o lingote. É curioso observar que o desempenho dos participantes da prova resulta em uma gradação de performance: a primeira ação, realizada por Epeio, é desastrosa, ficando ele como motivo de riso por parte da torcida dos aqueus; em seguida, a reação fica neutra no caso de Leonteu; a terceira performance, feita por Ajax Telamônio, é bem sucedida, ultrapassando o herói os dois competidores anteriores; por fim, há o lançamento de Polípetes, que vence o conteste com uma performance excepcional.

Logo em seguida são apresentados os prêmios do próximo conteste: o tiro com o arco. Mais uma vez, a narrativa é expressa pelo poeta com as palavras características (vv. 850 -851):

Αὐτὰρ ὁ τοξευτῆσι τίθει ἰόντα σίδηρον,
καδ δ' ἐτίθει δέκα μὲν πελέκεας, δέκα δ' ἡμιπέλεκκα,

*Em seguida, ele [Aquiles] pôs o ferro cor violeta para os arqueiros,
e pôs dez machados duplos, e dez simples.*

Os machados em questão são motivo de controvérsia, não se podendo precisar se eram lingotes de ferro na forma de machados ou se de fato eram machados ou o suporte metálico do objeto propriamente. Cabe salientar que o πέλεκυς, *machado duplo*, e o ἡμιπέλεκον, *machados simples*, eram usados como medidas de peso, conforme atestado na Beócia e em Paphos, Chipre.⁴⁵ Participam do conteste Teucro e Meríones, sendo o segundo o vitorioso da prova.

Concluindo os jogos, Aquiles apresenta os prêmios do último conteste, o lançamento da lança.⁴⁶ A narrativa apresentada pelo poeta é sucinta e direta, seguindo claramente as formas frasais anteriores e um vocabulário já enraizado (vv. 884 – 886):

Αὐτὰρ Πηλεΐδης κατὰ μὲν δολιχόσκιον ἔγχος,
καδ δὲ λέβητ' ἄπυρον βοὸς ἄξιον ἀνθεμόεντα
θῆκ' ἐς ἀγῶνα φέρων·

*Em seguida, o Pelida uma lança de longa sombra
e um caldeirão florido, que não foi ao fogo, no valor de um boi,
dispôs, enquanto o levava para a arena;*

Fica evidente que a lança será o segundo prêmio e o valioso caldeirão o primeiro. Cabe ressaltar que o motivo floral em caldeirões, flores ou rosetas, é por vezes encontrado nesses artefatos datados do período Micênico. O conteste em pauta não ocorreu, ao que parece, por conta do reconhecimento da superioridade de Agamêmnon perante os outros competidores, e, assim, Aquiles, como prova de reconciliação, atribui o caldeirão ao Atrida,

⁴⁵ ERBSE, H. *Herbse, Scholia Graeca in Homeri Iliadem I – VII*. Berlim, 1969 – 88.

⁴⁶ Alguns tradutores preferem nomear essa modalidade esportiva como é atualmente designada: *lançamento do dardo*. Ao optar por *lançamento da lança*, o autor da presente dissertação preferiu manter o caráter marcial conferido pelo artefato bélico e presente nos contestes atléticos dos Jogos Fúnebres em honra a Pátroclo.

seu antigo desafeto, que por sua vez, o concede ao arauto Taltíbio. A Meríones, o rival aparente, coube a longa lança.

4.2 A ARBITRAGEM

Um árbitro é alguém que, presenciando um evento esportivo, se pronuncia evitando dúvidas a respeito do desempenho dos participantes de um conteste. Esse agente possui o poder de decisão, que se manifesta pelo λόγος, *discurso*, exatamente porque ele é aquele que presenciou, que viu, e, portanto, que sabe o que ocorreu. Mas, para isso, é necessária certa autoridade subjacente à própria situação a qual o indivíduo irá manifestar o seu julgamento. Colombani (2005, p. 46 e 47) expressa a maneira como essas relações acontecem entre os ἀγαθοί, *nobres*, no contexto literário construído por Homero, sendo esses homens aqueles que expressam a sua ἀρετή, *excelência*, em âmbito guerreiro, porque detêm exatamente a autoridade que lhes concedem um discurso de poder:

No coração de todo dispositivo, de toda configuração de poder, o espaço ocupa um lugar de privilégio. Os espaços mentais e materiais, que são fortemente solidários, estabelecem o dispositivo de poder que constitui o 'logos' na Grécia arcaica. Que lugar ocupa a palavra? Quem pronuncia a palavra e quem fica fora da ordem do enunciado? Que características possuem a palavra que a conferem um estatuto particular? Qual é o cenário ritual de sua manifestação? O conjunto de questões nos situa no sentido próprio de um território problemático carregado de configurações simbólicas. Na Grécia arcaica, parece dar-se uma estrutura binária onde alguns sujeitos privilegiados ostentam o dom de pronunciar o 'lógos krántos', enquanto outros ficam fora desse privilégio.

O contexto épico que exige a presença de um árbitro é determinado por uma situação que concede a um indivíduo um λόγος de poder em um âmbito mesmo de heróis, um discurso que dota essa figura de autoridade mesmo diante daqueles que são seus iguais.

Modernamente, é exatamente essa a relação do árbitro com os esportistas. Passa-se agora a apresentar as passagens em que tais relações ocorrem no contexto literário da *Iliada*.

A primeira menção de indivíduo assumindo as funções de um árbitro, nos Jogos Fúnebres em honra a Pátroclo, apresenta-se na corrida dos carros de guerra, quando então Aquiles escolhe Fênix, para que ele, situado no poste onde os carros de guerra faziam a volta, o lugar mais passível de no percurso algo inesperado acontecer, tivesse a autoridade de se pronunciar sobre o fato ocorrido (vv. 358 – 361):

σκοπὸν εἴσενστὰν δὲ μεταστοιχί, σήμηνε δὲ τέρματ'
 Ἄχιλλεὺς τηλόθεν ἐν λείῳ πεδίῳ· παρὰ δὲ
 ἀντίθεον Φοίνικα ὀπάονα πατρὸς ἑοῖο,
 ὡς μεμνέωτο⁴⁷ δρόμους καὶ ἀληθείην ἀποεῖποι.
*E colocam-se no mesmo alinhamento, e Aquiles assinala a meta,
 ao longe, na lise planície; e, a fim de observar, pôs
 Fênix, que, semelhante a um deus, como seu pai,
 se lembrasse da corrida e pronunciasse a verdade.*

A passagem indica que para a verdade se manifestar é preciso, antes de tudo, que o fato ocorrido tenha sido observado e guardado na memória, atos esses que são expressos no texto, respectivamente, pelos verbos σκοπεῖν, *observar*, e μιμνήσκειν, *lembrar*. Desse modo, a função de um árbitro se assemelha mais a de uma testemunha do que de um magistrado, que julga, na maior parte das vezes sem ter presenciado o fato ocorrido. Dessas ações provêm a sua autoridade e poder, pois ele vê o fato e o registra na mente para depois se manifestar quanto a sua ἀλήθεια, *verdade*.

A segunda menção nos Jogos Fúnebres sobre a exigência de um árbitro para se manifestar em certa situação é presenciada na passagem na qual Idomeneu entra em desacordo com Ajax sobre quem, após ter dado a volta ao poste, estava à frente na corrida

⁴⁷ O verbo μεμνέωτο é 3ª pessoa do singular do optativo perfeito passivo épico. Trata-se de uma forma não usual, que, presumidamente, foi estabelecida por metátese quantitativa de μεμήοιτο. Cf. Chantraine, *Grammaire homérique* I 71, 465.

dos carros de guerra. Idomeneu, então, se manifesta, expressando o desejo de propor a tarefa a Agamêmnon (vv. 485 – 487):

Αἴαν νεῖκος ἄριστε κακοφραδὲς ἄλλὰ τε πάντα
 δεύεαι Ἀργείων, ὅτι τοι νόος ἐστὶν ἀπηνής.
 δεῦρό νυν ἢ τρίποδος περιδώμεθον ἠὲ λέβητος,
 ἴστορα⁴⁸ δ' Ἀτρεΐδην Ἀγαμέμνονα θείομεν ἄμφω,
 ὀππότεραι πρόσθ' ἵπποι, ἵνα γνῶης ἀποτίνων.
*Ájax, o melhor em relação à disputa, mau intencionado, e em tudo
 é inferior aos Argivos, porque a tua mente é rude.
 Então, agora, nós dois apostemos uma trípode ou um caldeirão,
 e ambos tomemos como árbitro o Atrida Agamêmnon,
 para quais cavalos vêm a frente, a fim de que saibas, fazendo o pagamento.*

Se no exemplo anterior não havia surgido um substantivo que designasse o agente das ações atribuídas ao árbitro, nessa passagem ele aparece denominado claramente. Fala-se aqui do ἴστωρ (ἴστωρ, com espírito forte no ático). Hartog, em seu estudo que propõe o reconhecimento da gênese da atividade do historiador como sendo sugerida por tal termo, apresenta as ocorrências da palavra na *Iliada* e algumas características importantes dessa função (2001, p. 31-33):

A epopeia conhece a personagem do 'hístor', ou melhor: personagens que desempenham o papel de 'hístor', de árbitro. Em duas ocasiões, na 'Iliada', apela-se a um 'hístor' para solucionar uma situação de conflito (neĩkos). Primeiro exemplo: por ocasião dos funerais de Pátroclo, Ájax e Idomeneu entram em desacordo no momento de saber quem, após ter dado a volta ao marco, estava à frente na corrida de carros organizada por Aquiles. Ájax, então,

⁴⁸ ἴστωρ, cuja origem provem de < *Fιδ-τωρ (Chantraine, *Dictionnaire étimologique de la langue grecque*), derivada da mesma raiz que οἶδα, *aquele que vê e sabe (o que é certo)*, ou talvez, *aquele que é familiar com os fatos*.

propõe tomar Agamêmnon como 'histor'. Segundo exemplo: no extraordinário escudo, forjado por Hefesto para Aquíles.

O segundo exemplo mencionado pelo historiador ocorre em *Iliada*, na verdade, antes do primeiro, a saber, em uma passagem expressa no canto 18, entre os versos 497 e 508 (a palavra ἴστωρ encontra-se, mais precisamente, no verso 501), que provavelmente foi citado posteriormente pelo estudioso devido a sua menor importância para dar luz ao significado de ἴστωρ. Não se julga necessário citar essa outra ocorrência, por estar fora do *corpus* investigado neste capítulo, mas deve-se mencionar que o termo νεῖκος, *conflito*, está presente em ambas as passagens.⁴⁹ Fica evidente, assim, que resolver o νεῖκος estabelecido em certa situação é a função e o objetivo do ἴστωρ, sendo nisso que se insere a sua autoridade e poder. Sendo o ἴστωρ o indivíduo que sabe porque vê, presencia e registra na memória o acontecimento, ele é convocado exatamente para solucionar certa situação de conflito, e, daí, percebe-se o caráter presencial da ação, ainda mais pelo fato, salientado por Hartog (2001, p. 34), de que ninguém é ἴστωρ, mas sim assume a função de, por ser necessário na situação de conflito formada.

A ocorrência do termo ἴστωρ nos Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo é um dado muito interessante, mas é importante dizer que, mesmo sem essa figura aparecer explicitamente, é possível vislumbrar atos que, de alguma maneira, sugerem características próprias de um árbitro no sentido moderno da palavra. É o que ocorre mais adiante na narrativa⁵⁰, quando, mais uma vez, alguém é requisitado a fim de dirimir a dúvida de um queixoso (vv. 573 – 574):

ἀλλ' ἄγετ' Ἀργείων ἡγήτορες ἠδὲ μέδοντες
ἐς μέσον ἀμφοτέροισι δικάσατε, μὴ δ' ἐπ' ἀρωγῆ,

*Mas vinde vós, comandantes e chefes dos argivos,
julgai imparcialmente para todos os dois, sem favorecer nenhum lado,*

⁴⁹ No canto XVIII da *Iliada*, o termo aparece no verso 497.

⁵⁰ É curioso notar que todas as três ocorrências em que se faz necessário à presença de um árbitro se dêem na corrida dos carros de guerra, cuja relevância em comparação com as outras modalidades dos Jogos Fúnebres é mais uma vez aqui ressaltada.

Nessa passagem, Menelau furioso com Antíloco por este tê-lo prejudicado durante a corrida dos carros de guerra, suplica por justiça e que ela seja administrada de modo imparcial, sem favorecimento a nenhum dos lados litigantes. Pode-se perceber, assim, a existência de regras previamente estabelecidas e que devem ser levadas em conta na decisão de alguém, caso ele seja colocado na função de árbitro.

4.3. O TREINADOR

Uma apreciação mais acurada dos conselhos que o idoso e experiente Nestor dá ao seu filho Antíloco antes do começo do conteste dos carros de guerra permite vislumbrar atitudes pertinentes as de um treinador. Nestor procura, com sua experiência, compensar a desvantagem de seu filho, Antíloco, cujos cavalos são considerados os mais lentos (vv. 306 – 348):

Αντίλοχ' ἦτοι μὲν σε νέον περ' ἐόντ' ἐφίλησαν
 Ζεὺς τε Ποσειδάων τε, καὶ ἵπποσύνας ἐδίδαξαν
 παντοίας: τὼ καὶ σε διδασκόμεν οὐ τι μάλα χρεώ:
 οἴσθα γὰρ εὖ περὶ τέρμαθ' ἐλίσσόμεν: ἀλλὰ τοι ἵπποι
 βάρδιστοι θείειν: τὼ τ' οἴω λοίγι' ἔσεσθαι.
 τῶν δ' ἵπποι μὲν ἕασιν ἀφάρτεροι, οὐδὲ μὲν αὐτοὶ
 πλείονα ἴσασιν σέθεν αὐτοῦ μητίσασθαι.
 ἀλλ' ἄγε δὴ σὺ φίλος μῆτιν ἐμβάλλεο θυμῷ
 παντοίην, ἵνα μὴ σε παρεκπροφύγησιν ἄεθλα.
 μήτι τοι δρυτόμος μέγ' ἀμείνων ἠὲ βίηφι:
 μήτι δ' αὐτε κυβερνήτης ἐνὶ οἴνοπι πόντῳ
 νῆα θοὴν ἰθύνει ἐρεχθομένην ἀνέμοισι:

μήτι δ' ἠνίοχος περιγίγνεται ἠνιόχοιο.
 ἀλλ' ὄς μὲν θ' ἵπποισι καὶ ἄρμασιν οἴσι πεποιθῶς
 ἀφραδέως ἐπὶ πολλὸν ἐλίσσεται ἔνθα καὶ ἔνθα,
 ἵπποι δὲ πλανόωνται ἀνὰ δρόμον, οὐδὲ κατίσχει·
 ὄς δέ κε κέρδεα εἰδῆ ἐλαύνων ἥσσονας ἵππους,
 αἰεὶ τέρμ' ὀρόων στρέφει ἐγγύθεν, οὐδέ ἐλήθει
 ὅπως τὸ πρῶτον τανύση βοέοισιν ἱμᾶσιν,
 ἀλλ' ἔχει ἀσφαλέως καὶ τὸν προὔχοντα δοκεύει.
 σῆμα δέ τοι ἐρέω μάλ' ἀριφραδές, οὐδέ σε λήσει.
 ἔστηκε ξύλον αὖτον ὅσον τ' ὄργυι' ὑπὲρ αἴης
 ἢ δρυὸς ἢ πεύκης· τὸ μὲν οὐ καταπύθεται ὄμβρῳ,
 λᾶε δὲ τοῦ ἐκάτερθεν ἐρηρέδαται δύο λευκῶ
 ἐν ξυνοχῆσιν ὁδοῦ, λειῖος δ' ἵππόδρομος ἀμφίς
 ἢ τευ σῆμα βροστοῖο πάλαι κατατεθνηῶτος,
 ἢ τό γε νύσσα τέτυκτο ἐπὶ προτέρων ἀνθρώπων,
 καὶ νῦν τέρματ' ἔθηκε ποδάρκης δῖος Ἀχιλλεύς.
 τῷ σὺ μάλ' ἐγχρίμψας ἐλάαν σχεδὸν ἄρμα καὶ ἵππους,
 αὐτὸς δὲ κλινθῆναι εὐπλέκτῳ ἐνὶ δίφρῳ
 ἦκ' ἐπ' ἀριστερὰ τοῖν· ἀτὰρ τὸν δεξιὸν ἵππον
 κένσαι ὀμοκλήσας, εἷξαι τέ οἱ ἠνία χερσίν.
 ἐν νύσῃ δέ τοι ἵππος ἀριστερὸς ἐγχριμφθήτω,
 ὡς ἂν τοι πλήμνη γε δοάσσεται ἄκρον ἰκέσθαι
 κύκλου ποιητοῖο· λίθου δ' ἀλέασθαι ἐπαυρεῖν,
 μή πως ἵππους τε τρώσης κατὰ θ' ἄρματα ἄξης·
 χάρμα δὲ τοῖς ἄλλοισιν, ἐλεγχείῃ δὲ σοὶ αὐτῷ
 ἔσσεται· ἀλλὰ φίλος φρονέων πεφυλαγμένος εἶναι.
 εἰ γὰρ κ' ἐν νύσῃ γε παρεξέλασησθα διώκων,

οὐκ ἔσθ' ὅς κέ σ' ἔλῃσι μετάλμενος οὐδὲ παρέλθῃ,
οὐδ' εἴ κεν μετόπισθεν Ἀρίονα δῖον ἐλαύνοι
Ἀδρήστου ταχὺν ἵππον, ὅς ἐκ θεόφιν γένος ἦεν,
ἢ τοὺς Λαομέδοντος, οἳ ἐνθάδε γ' ἔτραφεν ἐσθλοί.

*Antíloco, embora certamente sejas jovem, amaram ajudando-te
Zeus e Poseidon, e te ensinaram a arte da cavalaria
de toda a sorte; e, então, não vou te ensinar o que não há muita necessidade,
pois sabes bem dar a volta em torno de um marco; mas os teus cavalos
são muito lentos para correr; e, então, penso que coisas funestas possam advir. 310
Os cavalos dos outros são mais rápidos, mas eles
não sabem a maior parte do que tu próprio meditas;
mas vai então tu, querido, põe no coração habilidade
de toda sorte, a fim de que os prêmios não escapem de ti;
com habilidade, certamente, um carpinteiro é mais poderoso do que com a força.
Com habilidade, ainda, o piloto, no mar cor de vinho, 316
alinha a rápida nau despedaçada por causa dos ventos;
e, com habilidade, o auriga supera o auriga.
Mas, quem é confiante nos cavalos e nos carros
de maneira insensata, mais á frente, rodopia aqui e ali, 320
e os cavalos erram ao longo do percurso, e ele não os retém;
mas quem talvez conheça o proveito ao conduzir cavalos inferiores,
sempre faz a volta de perto, ao ver o marco, e não os esquece
para que, no começo, estenda as rédeas de couro bovino,
mas as segura e observa aquele que está na frente. 325
Eu te mencionarei um sinal muito fácil de reconhecer, e não te esquecerás:
postado à frente está um tronco seco e que ergue-se uma braça acima do solo,
ou de carvalho ou de pinho; ele não apodrece na chuva,
e duas pedras brancas haviam lhe sustentado de cada lado
na parte estreita do caminho, e a pista de corrida é lisa ao seu redor; 330
ou é o lugar de um homem morto há muito tempo*

*ou ele é um marco feito por homens posteriores,
 mas, agora foi ali que o divino Aquiles de pés ligeiros colocou a meta.
 Tu te aproximas bem de perto para conduzir o carro e os cavalos,
 e inclina-te tu próprio, no assento bem trançado, 335
 um pouco para a esquerda; contudo, aguilhoa o cavalo
 da direita, estimulando-o, e afrouxa as rédeas com as tuas mãos;
 e, então, na meta, que o cavalo da esquerda seja lançado,
 como se parecesse que o cubo da roda fabricada
 atingisse o fundo; mas evita esbarrar na pedra, 340
 não fira os cavalos de modo algum e não quebre o carro todo;
 prazer para os outros e vergonha para ti próprio
 será; mas, querido, sê precavido, sendo prudente.
 Com efeito, se, ao lançar-se, ultrapassares a meta,
 não haverá quem te alcance acelerando, nem que emparelhe, 345
 nem se, atrás de ti, se lançasse o divino Árion,
 cavalo rápido de Adrasto, que era de raça de procedência divina,
 ou os cavalos de Laomedonte, que viris foram alimentados aqui.*

Percebe-se que do verso 306 a 308 ocorre o que poderia ser chamado de incentivo de um atleta prestes a competir. É interessante registrar a ocorrência do verbo φιλεῖν, no primeiro verso da passagem citada, que aqui pode ser percebido com um sentido indissociável de *ajudar*⁵¹ e *amar*, pois quem ama, de certa maneira, estimula, ajuda e anima aquele que é amado, aumentando, assim, a sua auto-estima.

O pai, então, constata a maior dificuldade que se apresenta ao filho: a lentidão de seus cavalos em comparação com os dos demais concorrentes. Dessa maneira, a exemplo de um treinador moderno motivador, Nestor defende que somente pelo uso da μῆτις, *habilidade, sagacidade*, é possível suplantar essa desvantagem inicial e alcançar a vitória.

⁵¹ Esse verbo aparece na *Odisseia* (VIII, v. 62) no sentido de *ajudar*, no momento em que Homero afirma que a musa ajuda, estimula, o aedo Demódoco, fazendo-o cantar feitos gloriosos de heróis.

O conceito é valorizado por meio da utilização de imagens do cotidiano do homem grego, a saber, a capacidade do carpinteiro no seu ofício (v. 15) e a destreza do piloto em uma nau avariada pelos ventos (vv. 16 e 17).

Após o elogio da habilidade, Nestor se detém em considerações práticas e objetivas a respeito do terreno e da condução adequada dos cavalos, bem como dos possíveis perigos na parte final da corrida. Tais conselhos surtem efeito, pois, embora não vença o conteste, Antíloco chega em segundo lugar, à frente de três outros competidores. De certa maneira, o que faz Nestor é transformar uma desvantagem em uma vantagem, o que fica bem evidente na utilização do termo κέρδος (v. 322), *ganho, proveito*.

Já que o texto apresenta uma relação de pai e filho, em que o primeiro dá uma série de recomendações ao mais jovem, não há explicitamente nenhum vocábulo que faça referência a figura de um treinador, mas é possível perceber as ocorrências de uma série de sugestões de ações a serem seguidas que, de certa maneira, caracterizam o que poderia ser entendido atualmente como um treinamento tático da parte de um treinador, com todas as características que constroem tal ofício: o incentivo, o reconhecimento de pontos fracos e recomendações práticas para superá-los. De certa maneira, Nestor procede como um verdadeiro treinador, ao encontrar formas de suplantar um problema e assim, tentar a vitória.

É importante mencionar que, mais adiante na narrativa (vv. 626 -645), o próprio Nestor afirma ter sido ele exímio atleta em sua juventude. Com efeito, outrora, foi vencedor em várias modalidades atléticas, contudo, já não mais possui o vigor que tinha em sua juventude e maturidade, e, por esse motivo, não lhe é possível competir, mas sua experiência, conquistada pela prática, o capacita a aconselhar os mais jovens com um procedimento que posteriormente será chamado de treinamento desportivo. É interessante dizer que, nos tempos modernos, na maior parte das vezes, os treinadores se afiguram como atletas de outrora, o que lhes concede a autoridade da experiência, que é exatamente o que constrói Homero na figura do velho Nestor.

Após tudo que foi investigado nesse capítulo, é preciso dizer que a *Iliada* se define como um longo poema e não como um relato histórico, ciência essa que nem existia ainda no tempo da *Iliada*. De fato, situações tais como o tamanho dos exércitos, a numerosa frota e mesmo a duração do litígio não correspondem com o que se crêem terem sido as

campanhas militares da época evocada. Contudo, nos seus versos, é possível vislumbrar características de um processo em curso de institucionalização dos contestes atléticos. A premiação como comprovação da excelência demonstrada, a necessidade de regras claras garantidas por um observador imparcial e a transmissão de um conhecimento advindo de uma experiência prática são consequências naturais de um processo civilizatório, cujo uso por meio do esporte serve para afirmar os mais caros valores desse tipo de manifestação. Sendo assim, não é surpreendente, que após uma cerimônia fúnebre, contestes atléticos sejam escolhidos com o intuito de honrar um herói morto em batalha. A morte de um grande herói possui um significado, que será expresso pela representação, em jogos, do âmbito em que ele, por meio de sua ἀρετή, *excelência*, conquistava, em vida ou mesmo na morte, a sua κλέος, *glória*, o campo de batalha, com todo tipo de disputas que surgiam nesse espaço.

CONCLUSÃO

A ideia de oposição delimita o estudo apresentado nos três capítulos desenvolvidos nesta dissertação. Contudo o embate formado visa unicamente a questões de disputas competitivas, que, se realizando em um espaço específico, demonstra a excelência dos competidores, que buscam a vitória, em meio a regras estabelecidas. Tentou-se encontrar exatamente tais oposições competitivas em suas origens, o que determinou o reconhecimento da institucionalização dos contestes atléticos em âmbitos específicos. Considera-se que o estudo proposto cumpriu o seu objetivo, que é expor, em três instâncias, a institucionalização do esporte nos primórdios da Civilização Helênica. Na primeira, buscou-se encontrar elementos em evidências materiais e na escrita que pudessem permitir a observação de oposições que, de alguma maneira, caracterizassem o surgimento de uma competição, bem distinta de valores rituais e de entretenimento que vigoravam até então. Na segunda instância, o trabalho voltou-se para o valor dos significados do termo que, de certa maneira, abarca o estabelecimento de oposições em vários âmbitos, detendo-se, mais especificamente, no seu valor voltado para o esporte. Fala-se aqui dos conceitos expressos pelo termo *agón*, que ocorrem em diversos contextos do mundo helênico, mais precisamente falou-se da ampliação do campo semântico do referido vocábulo, especificando, principalmente, o seu uso sintático em todas as suas ocorrências no canto XXIII de *Iliada*. Na terceira, instância, voltada assumidamente para um *corpus* literário específico, a saber, os Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo que ocorrem no canto XXIII de *Iliada*, buscou-se, nos primórdios da literatura grega, no cerne da oposição competitiva formada, os principais elementos constitutivos do esporte, que são detalhados e organizados em tópicos específicos.

A institucionalização histórica do esporte na Grécia, antes de sua manifestação explícita nos jogos do período arcaico, é de difícil estabelecimento. Constou-se que, entre os minóicos, há dados acerca de uma manifestação específica que pode ou não ter sido um jogo de disputa. Fala-se aqui do salto sobre o touro, que aparece em um leque amplo de vestígios materiais. Contudo, como os minóicos não tiveram sua escrita decifrada, o significado da referida manifestação repousa na interpretação iconográfica, o que gera uma

série de controvérsias quanto ao seu entendimento. Quanto ao micênicos, é possível perceber claramente que, de fato, possuíam disputas competitivas no âmbito de um espaço determinado, que pareciam ser uma representação da guerra com vistas a enfatizar a excelência dos competidores em modalidades específicas. Assim, enfatiza-se que não se pode afirmar o início do esporte na civilização micênica, uma vez que ela pode ter surgido entre os minóicos, mas não há dados suficientes que possam elucidar o problema até agora. Já, com os hititas, povo que contém uma abundante literatura, pode-se dizer que tal civilização indo-europeia compartilhava o mesmo caráter guerreiro que seus contemporâneos micênicos, o que talvez tenha contribuído para uma apropriação de elementos culturais da parte da civilização micênica, havendo uma suposição de que os contestes atléticos tenham sido um desses empréstimos. De fato, como afirma Kyle (2007, p. 52), pode-se dizer que *o estudo do esporte hitita é uma linha especialmente promissora de pesquisa*.

No segundo capítulo, como afirmado, tratou-se do conceito de ἄγών tanto de modo genérico quanto mais especificamente na *Iliada*. Os sentidos genéricos auxiliaram no entendimento do conceito presente mais precisamente no canto XXIII da *Iliada*. Na própria *Iliada*, há ocorrências do termo em sentido díspares, tal como ocorre em vários versos em que o poeta menciona os navios reunidos na praia, tendo exatamente o ἄγών aqui o sentido de reunião. Concluiu-se que esse sentido de reunião traz potencialmente um sentido de oposição, uma vez que para haver disputa, é preciso existir um embate de partes. Contudo, a institucionalização do esporte percebida nessa obra primeira da literatura grega acontece apenas no canto XXIII, em que ocorrem os Jogos Fúnebres em Honra a Pátroclo, havendo ali um sentido diferente em todas as ocorrências do termo, que se mostrou muito abundante no referido canto, sendo um total de 16 ocorrências. O sentido de um espaço específico para a reunião dos guerreiros em torno de modalidades esportivas foi amplamente comprovado pela tradução das passagens com o termo ἄγών, o que se mostrou bem estabelecido pela análise sintática, que, de modo notável, registrou que todas as ocorrências apresentaram construções sintáticas de lugar para onde, onde e de onde.

Essa investida na obra literária feita no segundo capítulo gerou frutos para a análise proposta no último capítulo, em que se tratou da institucionalização dos contestes atléticos em *Iliada* do ponto de vista do aparecimento de elementos contextuais que sugerem o

surgimento de características ligadas aos contestes atléticos: a premiação que antecede cada modalidade, a arbitragem e a pessoa de um treinador. Tais elementos foram analisados com base em suas próprias ocorrências no texto original, havendo a constatação de que os dois primeiros casos citados já se inserem perfeitamente na construção de uma ordem definida por regras, enquanto que, na última, a saber, a pessoa de um treinador, esse agente ainda se encontra indeterminado, uma vez que um caráter subjetivo a define, numa relação de pai experiente e filho jovem e hábil.

A pesquisa desenvolvida na presente dissertação permite afirmar que apesar de certa indeterminação nas interpretações dos vestígios materiais da Idade do Bronze, e guardando as inerentes limitações de análise de uma obra de ficção elaborada em uma época posterior aquela que evoca, é possível vislumbrar já na Civilização Micênica um processo em curso de institucionalização do esporte que viria a culminar nos quatro grandes festivais atléticos da civilização helênica: os Jogos Olímpicos, Ístmicos, Nemeanos e Píticos.

REFERÊNCIAS

AUTENRIETH, Georg. *Homeric Dictionary*. Londres: Duckworth, 1984.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Ed. rev. et aum. par L. Sechan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1983.

_____. *Abrégé du dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1901.

BECKMAN, G. M.; BRYCE, T. R.; CLINE, E. H. *The Ahhiyawa Texts*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011.

BENZI, Mario. Riti di passaggio sulla larnax dalla Tomba 22 di Tanagra? *επι πόντον πλαζόμενοι Simposio italiano di Studi Egei*. pp. 216-233. Roma: Scuola Archeologica Italiana di Atene, 1999.

BLEGEN, Carl W. Blegen. *Tróia e os troianos*. Trad. do inglês por Rodrigo Machado. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

CARTER, Charles. *Athletic Contests in Hittite Religious Festivals*. *Journal of Near Eastern Studies*, Chicago, v. 47, n. 3, p. 185 – 187, jul. 1988.

CALEO, Chiara. *The Tanagra « Larnakes »*. *An Iconographic Analysis*. Disponível em <<http://www.arristor.gr/english/enback/p012.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

CASTLEDEN, Rodney. *Mycenaeans*. Londres : Routledge, 2005.

CHADWICK, John. *The Mycenaean World*. Cambridge : Cambridge University Press, 2005.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. do francês por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

CLINE, Eric H. (Ed.). *The Oxford Handbook of The Bronze Age Aegean*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

COLOMBANI, María Cecilia. *Homero. Iliada: una introducción crítica*. Buenos Aires: Santiago Arcos Editor, 2005.

CUNLIFFE, Richard John. *A lexicon of the Homeric Dialect*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1963.

DREWS, Robert. *The end of Bronze Age: Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1200 B.C.* Princeton: Princeton University Press, 1995.

DUHOUX, Y.; DAVIES, A. M. (Eds.) *A Companion to Linear B: Mycenaean Greek Texts and their World*. Louvain: Peeters, v. 1, 2008.

DUHOUX Y.; DAVIES, A. M. (Eds.) *A Companion to Linear B: Mycenaean Greek Texts and their World*. Louvain: Peeters, v. 2, 2011.

EDWARDS, Mark W. *The Iliad: A Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, v. v: books 17 – 20, 1991.

ELLSWORTH, James D. *Agon: Studies in the Use of a Word (Ph. D. diss.)*. Berkeley: University of California at Berkeley, 1971.

FINLEY, Moses I. *Aspectos da Antiguidade*. Trad. do inglês por Eduardo Saló. Lisboa: Edições 70, 1990.

HARTOG, François (organizador). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina*. Trad. do Inglês por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HEINHOLD-KRAHMER, Susanne. Zur Gleichsetzung der Namen Ilios-Wilusa und Troia-Taruia. In: ULF, Cristoph (Ed.). *Der neue Streit um Troia. Eine Bilanz*. Munique: Beck, 2003.

HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi par Paul Mazon. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1937, 1938. Tomes I, II, III et IV.

_____. *Odyssée*. Texte établi et traduit par Victor Bérard avec Introduction d'Eva Cantarella et Notes de Silvia Milanezi. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

_____. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Arx, 2 v., 2002.

_____. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HOOD, Sinclair. *Os Minóicos*. Trad. do inglês por Rodrigo Machado. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

HORTA. G. N. B. P. *Os Gregos e seu Idioma*. Rio de Janeiro: J. Di Giorgio, 1978, 1983. 2 v.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução do original em alemão por Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KYLE, Donald G. *Sport and Spectacle in the Ancient World*. Londres: Blackwell, 2007.

LATACZ, Joachim. *Troy and Homer*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LIDDELL, H. G. *An Intermediate Greek – English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1889.

_____. *A Greek –English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. do francês por Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Discurso Literário*. Trad. do francês por Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MALTA, André. *A selvagem perdição: erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

MALHADAS, Daisi, DEZOTTI, Maria Celeste Consolin & NEVES, Maria Helena de Moura (equipe de coordenação). *Dicionário grego-português*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010. 5 v.

MOLLOY, Barry P. C. *Martial Minoans? War as social process, practice and event in Bronze Age Crete*. *The Annual of the British School at Athens*, 107, p. 87 – 142, 2012.

MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Trad. do francês por Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1984.

_____. *Dicionário da Civilização Grega*. Trad. do francês por Carlos Ramallete. RJ: Jorge Zahar, 2004.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PUHVEL, J. Hittite Athletics as Prefigurations of Ancient Greek Games. In: RASCHKE, Wendy J. (Ed.). *The Archaeology of the Olympics*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987. cap. 2, p. 26 – 31.

RICHARDSON, Nicholas. *The Iliad: A Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, v. vi: books 21 – 24, 1993.

ROMILLY, Jacqueline de. *Homero: introdução aos poemas homéricos*. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. *Fundamentos de Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1984.

SEARLE, John R. *Expressão e Significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução do original em inglês por Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCANLON, Thomas F. *The vocabulary of Competition: Agon and Aethlos, Greek Terms for Contest*. Arete: The Journal of Sport Literature, I, nº. 1: 147-162. Outono de 1983.

SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. Trad. do alemão por Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPARIOSU, Mihai I. *1. The Hawk and the Nightingale: Play, Power, and Poetry in Homer and Hesiod p.5. in: God of Many Names: Play, Poetry, and Power in Hellenic Thought from Homer to Aristotle.* Durham and London: Duke University Press, 1991.

TAYLOUR, Lord William. *Os Micénios.* Trad. do inglês por Maria Emília Saragoça. Lisboa: Editorial Verbo, 1970.

VALAVANIS, Panos. *Games and Sanctuaries. Translated by Dr. David Hardy.* Los Angeles: Getty Publications, 2004.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero.* Trad. do francês por Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

YALOURIS, Nicolaos (org.), vários autores. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga.* Trad. do grego moderno por Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VAN DIJK, Renate. *Bull-Leaping in the Ancient Near East.* Disponível em: <http://www.academia.edu/4248503/Bull-Leaping_in_the_Ancient_Near_East>. Acesso em: 23 fev. 2015.

WEILER, Ingomar. *Der Agon im Mythos. Zur Einstellung der Griechen zum Wettkampf.* Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1974.

WEST. Martin L. *The Making of the Iliad.* Oxford: Oxford University Press, 2011.

WOOD, Michael. *In the Search of the Trojan War.* Londres: BBC Books, 2005.